

JORNAL DE 2^a FEIRA

JUNDIAÍ, 22/28 DE SETEMBRO DE 1975 — N.º 12

PREÇO DESTE EXEMPLAR

CR. \$ 200

O GLORIOSO PAULISTA, NO PASSADO
A INCRÍVEL REDUÇÃO DOS IMPOSTOS
PUFFS DO ZARTEU

PAG. 12

PAG. 16

PAG. 14

RELIGIÃO :
TRABALHO NA
VILA HORTOLÂNDIA
PÁGINAS 8 E 9





As profecias I Ching segundo Rosa Cruz, a jogadora de búzios

O afortunado escritor norte-americano Arthur Hailey, autor dos "best-sellers" **O Aeroporto, O Hotel, O Hospital e O Automóvel**, cujas trezentas e tantas páginas cada contam histórias que se passam, respectivamente, no interior de um aeroporto, um hotel, um hospital e um automóvel, deverá partir para um novo tipo de literatura, mais intimista, através do seu novo livro, também destinado a grande sucesso de vendas: **A Cueca**.

A fim de disputar em pé de igualdade com as tradicionais vencedoras dos Carnavais cariocas, a Escola de Samba "Unidos de Vila Isabel" deverá utilizar, no próximo desfile na avenida, 3.730 artistas de televisão e figuras importantes da sociedade carioca, reduzindo para duas dúzias apenas o número de crioulos e mulatas, cuja maneira

de sambar já estava cansando a platéia de turistas estrangeiros, bem como ao júri de personalidades ligadas à crítica literária, à política e às empresas de turismo — incansáveis batalhadores pela festa mais popular do mundo.

Para que a cidade não tenha seu progresso estagnado durante o quadriênio 1977/80, o futuro prefeito de Jundiá, eleito pela coligação das sublegendas da Arena, dos "descontentes" do MDB e com o apoio do atual prefeito, deverá decretar um aumento de impostos baseado na **real capacidade** de endividamento de cada cidadão, isto é, no seu salário bruto, sem descontos.

O decreto será aprovado em sessão extraordinária da Câmara de Vereadores, com a seguinte justificativa: "o aumento é, além de legal, uma medida justa,

já que quem ganha 350 contos pagará apenas 350 contos".

A imprensa manter-se-á discreta e equidistante.

Tal será o desenvolvimento do esporte bretão entre os norte-americanos, em 1978, que a Comissão Técnica da CBD, reunindo figuras estreitamente ligadas ao futebol brasileiro, deverá propor ao Ministério da Educação a contratação do time completo do "Cosmos", para disputar o Campeonato Mundial em nome do Brasil. Como Pelé estará impedido, por contrato, de vestir outro uniforme, duas opções serão oferecidas: ou joga todo mundo com a jaqueta do "Cosmos", mas fabricada no Brasil pela "Malharia Athleta", ou Pelé não joga. Entra Ademir da Guia no lugar dele.

ERAZÉ MARTINHO

Canto Chorado

Puxa-que-te-puxa... Dem-de-lém... Dem-de-lém... Todo mundo reparou e se antipatizou com aquela infeliz badalação. Enfim, como se trata de uma festa de caridade, deixemos isso prá lá.

O nosso papo é a praça, de novo. O bem cuidado largo da matriz, por onde se constata, com eloquente evidência, o zelo e o progresso que explode de **minuto a minuto**, consoante judicioso comunicado feito estampar enfaticamente por "seu" prefeito.

Ao passar por lá, Simão ouviu de soslaio esta conversinha vadia dos aposentados:

— Não sei porque é que aquele jornal, (é o nosso), incomoda-se tanto com os ratos desta praça.

Até que não são maus, pois se não estivessem aqui comendo as flores, teriam que estar no outro lugar, como incontroláveis predadores que são da coisa alheia.

E que outros lugares seriam esses senão os porões da vizinhança, que a estas horas estaria furibunda contra o nosso dedicado prefeito, por tê-los afugentado de lá, onde, por favor da verdade, nunca incomodaram ninguém.

Muito pelo contrário, na calada da noite, quando saem para passear, servem até de bola de futebol aos transeuntes mais divertidos e bem dispostos.

Além do mais, de uns tempos para esta parte, aqui na padolândia, há ratos por todos os lados, de todos os tamanhos e de todas as raças.

Dizem que eles são portadores da peste bubônica que transmitem por intermédio das pulgas.

Mas, felizmente, contra um surto dessa natureza temos montadas as unidades de saúde das quais faz parte integrante uma secção de ratologia, como corolário defensivo da imunidade social.

Sua função precípua é promover a profilaxia dos ratos, a fim de trazê-los bem desinfetados e sem necessidade de abandonarem o seu "habitat" para procurar comida em outras "marginais".

Apesar dos pesares, quer dizer, de toda essa comedeira, o celeiro da velha Petronilha é tão pródigo que deixa polpúdas sobras também para as ratazanas, pelo menos enquanto seus guardiões, (rebentos invertebrados), permanecerem como os avestruzes com a cabeça metida na terra a espera de que passe a tempestade.

Quer dizer, tempestade não seria bem o termo apropriado. Aí cabe melhor, epidemia. Uma epidemia de ratos infestando a papolândia.

Como vêem, não é fácil acabar com a rataria.

A curto prazo não será possível, mas, dentro de alguns meses, provavelmente se conseguirá. É uma questão de fé e de ação.

Então sim, a velha praça da matriz voltará a cumprir com dignidade a sua destinação de cartão de visita dos jundiás.

Ratos prá cá, ratos prá lá, mais acolá

Ratos enormes, maiores que preá.

No dia em que cessar a comedeira,

Isto é, no dia em que se armar uma ratoeira.

E prender esses roedores

Vocês verão como de novo as flores

Desabrochando cantarão louvores.

A'queles que fizeram tal limpeza,

Deixando a praça limpa, uma beleza.

SIMÃO

**TIPOGRAFIA
JUNDIÁ
IMPRESSOS
EM GERAL**

Rua Cel. Leme da Fonseca,
210 — Fone: 6-3099

PANSERVIÇOS

Composições Linotipográficas
Encadernação — Desenhos
Rua Marechal Deodoro da
Fonseca, 565

EXPEDIENTE — JORNAL DE 2.a-FEIRA

Propriedade da Editora Japi Ltda.

Rua Senador Fonseca, 1.044 — Fone: 4-2759

Redator-Chefe: Celso Francisco de Paula

Capa: Araken Martinho

Ilustrações: Ivan Martinho e Suzana Traldi de Souza

Officinas Impressoras: "Diários Associados"

Rua 7 de Abril, 230 — São Paulo

Assinaturas

Semestral — Cr\$ 70,00 e Anual — Cr\$ 120,00

O avesso de uma concorrência

Diversos leitores deste jornal têm manifestado interesse em conhecer mais detalhes sobre o relatório elaborado pelo grupo de profissionais jundiaenses convidados pela Arena para examinar a concorrência do Sistema Viário de Jundiá. Pela gravidade dos fatos constatados, tal relatório suscitou a constituição, na Câmara Municipal de uma Comissão Especial de Inquérito, para examinar a questão. Essa Comissão analisou os aspectos técnicos do problema, contidos naquele relatório, e também os aspectos legais, levantados pelo eminente jurista, dr. Ovídio Bernardi, e chegou à conclusão de que ficou "demonstrada a lesividade de tal negócio para o patrimônio municipal". Em face disso, a Comissão Especial de Inquérito propôs à Câmara que se tomassem "as medidas legais cabíveis contra o sr. prefeito, tudo em nome da legalidade e da moralidade da coisa pública". Esta conclusão da Comissão Especial de Inquérito foi apresentada à Câmara em abril deste ano: de lá para cá, o processo tem sido mantido em banho-maria. Talvez porque os srs. vereadores tenham estado mais ocupados em aprovar, a jato, os vultosos financiamentos destinados aos tais negócios tidos como lesivos ao patrimônio municipal.

Atendendo ao interesse daquelas pessoas, desejosas de mais informações sobre o relatório da comissão de técnicos da Arena, damos, abaixo, de forma sucinta, algumas das suas conclusões:

— As condições de prazo e divulgação do edital que anunciou a concorrência do Sistema Viário de Jundiá, ambos limitados ao mínimo legal, não propiciaram a participação de um maior número de firmas à licitação.

— Houve incoerência entre o regime de empreitada por preços unitários, estabelecido no edital de concorrência e observado no contrato de execução, e o julgamento baseado no preço global. Desta maneira, os preços unitários, base fundamental do edital e da contratação, não tiveram nenhum valor para seleção e julgamento das propostas.

— O plano das obras a realizar, elaborado pela Sotaffe e que constou do edital de concorrência, foi feito apenas em nível de anteprojeto ou estudo preliminar. Só teria sentido, neste caso, um julgamento por preços unitários, e nunca o critério de preço global ofertado, como ocorreu.

— Alguns serviços, embora vultosos, foram especificados de maneira tão precária que era impossível qualquer julgamento, pois não havia condição para um perfeito entendimento da obra a ser realizada. Era o caso, por exemplo, do item "iluminação", cuja descrição era apenas a seguinte: "Todas as especificações para o serviço de iluminação estarão discriminadas quando da apresentação do projeto definitivo." As cotações para este item, nas várias propostas, variaram de Cr\$ 2.733.750,00 a Cr\$ 15.426.000,00! Como é possível, em sã consciência, comparar e julgar propostas

onde um item tão significativo como este não teve especificação nenhuma, e, portanto, não se podia saber o que cada firma estava oferecendo! Só uma atitude seria cabível: cancelar este item e todos os demais com dúvidas deste tipo, e decidir apenas os serviços perfeitamente especificados, com base nos preços unitários.

— Na previsão orçamentária, alguns serviços se apresentavam em quantidades irrealistas, que dificilmente se verificarão na prática. A presença destes serviços "fantasmas" permite a manipulação das propostas, afetando e invalidando o preço global. Foi o caso, por exemplo, de "escavação em rocha", incluída pela Sotaffe num volume apreciável, entre as obras a executar, embora os estudos geotécnicos não tivessem acusado camadas superficiais de rocha nos locais de aterro. Ainda mais: este item foi cotado pela Sotaffe, no pré-orçamento, a um preço absurdo: Cr\$ 89,80 por metro cúbico, quando o preço do DER era de apenas Cr\$ 15,42. Com isso, duas coisas ocorreram:

1 — Aumentou o preço global das obras, pois este item "escavação em rocha" representou um montante de Cr\$ 11.853.600,00 no orçamento básico da Sotaffe.

2. Pode a Gutierrez orçar a preço altíssimo a escavação em terra, pois, apresentando em preço normal a escavação em rocha, continuava enquadrada dentro do orçamento básico da SOTAFFE para os serviços de terraplanagem.

— No pré-orçamento elaborado pela SOTAFFE na preparação da concorrência, foram adotados preços altos, tais como, por exemplo, preços pagos pela EMURB de São Paulo para as obras da Nova Paulista. Justificativa da SOTAFFE: as obras seriam executadas "em área urbana, com todos os problemas que interferem no desenvolvimento pleno de trabalho". Como se as nossas avenidas estivessem sendo executadas no centro de São Paulo. Com este critério, o pré-orçamento foi artificialmente elevado. A presença de itens como "escavação em pedra", cotados a preços absurdos, contribuiu ainda mais para a elevação do pré-orçamento. O valor total deste pré-orçamento constou do edital e os concorrentes não podiam apresentar propostas com valor global inferior a ele em mais do que 10%. Em outras palavras: seria desclassificada a proposta com valor global menor do que Cr\$ 178.212.128,85. Como este limite mínimo era um montante bastante atraente, pelas condições em que foi elaborado o pré-orçamento, houve então um empate forçado entre três concorrentes, permitindo a escolha do vencedor com base em outras considerações que não o preço dos serviços.

— A firma vencedora, Andrade Gutierrez, era a que apresentava maior disparidade nos preços unitários. Os serviços iniciais do Sistema Viário — instalação do canteiro, terraplanagem e transporte de terra, foram orçados por esta firma a preços extremamente elevados. O canteiro de obras, por exemplo, foi orçado em cerca de sete milhões de cruzeiros pela Gutierrez, enquanto que o orçamento da Firpavi era de apenas cem mil cruzeiros. Não menos absurda era a forma de pagamento: 90% do valor do canteiro dentro de 90 dias após a assinatura do contrato com a empreiteira,

pagamento este totalmente desvinculado do volume de serviços que viriam efetivamente a ser realizados, e desvinculado também da vinda dos equipamentos dados como necessários para as várias etapas das obras: terraplanagem, pavimentação, paisagismo, obras de arte etc.

— Outro preço absurdo da Gutierrez: escavação em terra cotada a Cr\$ 11,45 por metro cúbico, quando o preço da Firpavi era de Cr\$ 3,00 e o do DER era Cr\$ 2,54. Isso significa o pagamento, pelo município, de quatro vezes o preço normal pelo serviço de escavação da terra.

— Dado o empate no preço global, foi dada como vencedora a firma Andrade Gutierrez, com base em considerações feitas pela comissão julgadora quanto aos equipamentos dos concorrentes, seus métodos construtivos e outros pontos. Por exemplo: pesou, na decisão, o prazo de execução, de 730 dias na proposta da Gutierrez, contra o de 750 dias dado pela Firpavi. Alegou a Comissão de Licitação que "esse menor prazo é uma vantagem objetiva para a Prefeitura". Seria interessante calcular quantas dezenas de milhões custaram estes vinte dias, para o município.

— A Comissão de Licitação considerou, também, que o cronograma financeiro da Gutierrez oferecia vantagem, pelo fato de exigir da Prefeitura maiores desembolsos na fase inicial da obra! Num completo passe de mágica, o fato de os serviços iniciais da Gutierrez serem absurdamente caros foi apontado pela Comissão de Licitação como uma vantagem econômica! Em outras palavras, foi admitido que as condições de pagamento são melhores quando os prazos são mais curtos! Na realidade, o cronograma financeiro da Gutierrez representava um custo adicional financeiro de quase 10 milhões de cruzeiros, em comparação com as demais propostas. Exatamente o oposto do que foi argumentado pela Comissão de Licitação para considerar aquela firma como vencedora.

— Concluindo seus estudos, o grupo de técnicos da ARENA demonstrou que a simples contratação parcial das três firmas concorrentes, o que era perfeitamente legal dentro das condições da concorrência, representaria uma economia da ordem de 40 milhões de cruzeiros para o município. Tal valor se referia a janeiro de 1974. Hoje, com os reajustes de preço, este montante já teria se elevado para 70 milhões de cruzeiros! Pode-se imaginar quanto maior seria ainda a economia, se a concorrência tivesse sido feita de forma a atrair verdadeiramente as firmas interessadas e estimular a competição necessária para a obtenção dos preços justos!

A conclusão dos técnicos, no relatório, foi contundente: "Diante do verificado e do exposto, concluímos que: tanto na preparação como no julgamento das propostas da Concorrência Pública 66-73, os critérios adotados não atenderam ao interesse do município."

Francisco de Assis Oliva

Uma baixa de impostos

Baixar-se o 'quantum' dos impostos cobrados hoje em Jundiá pode parecer medida totalmente correta e também democrática. Porém, só entendemos como correta e democrática uma baixa de impostos quando ela vem em função do interesse coletivo e não de um número reduzido de privilegiados. Como também entendemos que desvalorizar-se um imóvel, o seu valor venal, para apenas possibilitar encampações baratas e bloquear, assim, os interesses de uma população, de ver a cidade crescer humana, não é medida líquida nem acertada.

Há que se tratar com mais seriedade o interesse coletivo. E este não se ilude com chavões e festetas inaugurais. Pois só tem para gastar o que ganha e o trabalho para isso necessário tem sido por demais pesado.

Imposto, embora o nome indique, não pode ser algo imposto. Confia-se, como munícipe, com as necessidades que uma coletividade tem de defender suas pretensões. Mede-se em conversas que se tem com as caras-metades as vantagens e desvantagens que familiarmente se teria (ou se poderia ter) com respeito às posições tomadas pelo Poder Executivo.

Confia-se na seriedade advinda do poder constituído. Programa-se o orçamento doméstico frente ao inevitável.

Representantes então de classe média, que se proletariza, pasamos a ver desfeito em lodo o que nos desvanecia.

Áreas verdes que aprovávamos para lazer de nossos filhos, justiça social resultante de colocações governistas e que em simples penadas, de doiradas canetadas, se vêem ruídas.

Se existe um plano viário onde nossos interesses de pais vêem-se programados, nós, pobres burgueses, tínhamos motivo para nos iludir. E, realmente, não poderia mesmo ser mais que uma ilusão.

Nas reformulações que acontecem nas tributações de impostos territoriais presenciamos o destruir de um ideal.

Quando interesses os mais sordidos se alevantam, de enriquecimento ilícito de minorias em detrimento de humildes moradores que imaginavam ver a sorte bater à porta, não nos é possível calar.

Zona Franca

(O leitor escreve, comenta e opina)

Quem tem coragem de escrever?

Sr.: Leio o *Jornal de 2.a* desde o seu primeiro número.

Tenho achado alguns ótimos, outros mais fracos, porém todos muito sérios nas críticas que vêm fazendo principalmente à Administração Municipal e à Câmara de Vereadores, cujos erros têm sido frequentes.

Uma coisa me chama a atenção, sempre: o número escasso de cartas dos leitores, no apoio ou na crítica. Na minha opinião, um jornal deve ser a tribuna do povo. Infelizmente, são poucas as pessoas, como o sr. Jairo Silvestre

dos Santos, que têm a coragem de manifestar por escrito sua opinião e suas dúvidas.

Esse mal parece ser epidêmico em nossa cidade! todo mundo fala, pouca gente quer se comprometer, ninguém quer escrever e assinar.

Faço aqui um apelo aos leitores: ajudem a "engrossar as fileiras" do *Jornal de 2.a*

Será a nossa paga ao muito que esse semanário vem fazendo, não por nós, mas por Jundiáí.

Roberto Pinheiro
(Vila Progresso)

Carecas

A respeito do artigo "Os cabeludos", publicado no *JJ*, pediria permissão, se possível, para publicar o comentário que segue:

JORNAL DE 2^a



VOCÊ VAI SABER DAS COISAS

TODAS AS 2^{as} FEIRAS NAS BANCAS

Definição de careca — indivíduo que daria sua vida por um fio de cabelo. Está provado pelos carecólogos que o ser desprovido de fios capilares apenas sugou-os para dentro de sua massa encefálica, tornando a sua cabeça dona dos maiores QIS até hoje encontrados. Isto em virtude da constante lavagem cerebral feita com xampu de côco para deixar os cabelos (internos) sempre brilhantes e, naturalmente, limpando a mente.

Outrossim, já é lenda que os carecas "jamais cometeram nenhum ato contra os costumes e a moral", devendo por isso serem todos canonizados.

Devemos, já no terreno da gratidão, se não houver, instituir o Dia Mundial do Careca. E para fortalecer a classe, o "Careca Power", desde já lançou a campanha para um mundo melhor: "Um cabeludo a menos, um careca a mais".

Estamos carecados, digo conversados.

João Carlos Zanirato —
Rua 15 de Novembro, 1493,
Jundiáí, S.P.

Semana Vicentina

Os vicentinos têm a grande satisfação de convidar Vs. Sas. para assistirem a palestra *Justiça e Caridade*, que será proferida pelo desembargador do Tribunal de Alcáida de São Paulo, dr. Valentim Alves da Silva, no dia 30 de setembro, às 20,00 horas, no Centro de Professorado Paulista, à Rua Senador Fonseca, 726.

Conselho Central
de Jundiáí

Festa da Árvore

Prezados Senhores: A Diretoria do Clube Jundiáíense sentir-se-á honrada com a presença de V. S.a na solenidade comemorativa da Festa da Árvore que fará realizar dia 21 do corrente mês, às 10,00 horas, na sede de campo.

Certos do comparecimento, subseremo-nos mui atentamente,
Clube Jundiáíense

Jundiáí à noite

Jundiáí parece uma ilha isolada do resto do mundo. Aqui, se alguém fica pela rua até um pouco mais tarde, além de se frustrar por não ter nenhum bar para ir, terá que voltar para casa a pé, pois os ônibus se recolhem às 23h30m. Se chega de São Paulo com o último trem ou com o último ônibus da Cometa, acontece a mesma coisa. Se não tiver condução própria, o jeito é ir para casa a pé.

O único consolo é admitir que andar faz bem à saúde, ativa a circulação sanguínea e ajuda o País na campanha para economia de gasolina.

Regina Dragica Kalman

O Dae não está para Peixes não

Sr. Redator: uma sugestão de horóscopo para os de Peixe, baseada em fato ocorrido comigo e que acho que já aconteceu a muita gente, mesmo sendo de outros signos.

Devido à má influência que o recém-descoberto planeta DAE exerce sobre os nascidos entre 20-2 e 20-3, a maré de água que a autarquia local vem cobrando não está pra Peixes, não.

Neste período há sérios indícios de um repentino e inexplicável vazamento de água em todo o sistema de encanamento de sua casa, bem como uma possibilidade muito grande de você ter que trocar o seu hidrômetro no último decanato deste mês.

Contudo, mantenha a calma. Evite discutir sobre coisas indiscutíveis e questionar com o inquestionável. Se você é do tipo que sempre gastou (e pagou) Cr\$ 17,60 (dezesete cruzeiros e sessenta centavos) pelo consumo mínimo de água em sua casa, mesmo considerando a recente atualização do salário-mínimo (que você, possivelmente, não percebeu), não se assuste se o DAE entregar-lhe uma conta de quase Cr\$ 300,00 (trezentos cruzeiros) ou mais. Nem discuta. Deposite Cr\$ 25,00 no banco de sua preferência (se não tiver nenhum, inspire-se num dos anúncios da televisão), leve o comprovante desse pagamento ao DAE e fique aguardando a visita de um funcionário dessa autarquia, que irá verificar, "in loco", qual o problema que gerou a sua conta diluviana.

O eficiente funcionário da autarquia, devido à grande prática que tem (em Jundiáí estão sendo trocados 10 mil hidrômetros, sabia?), logo que entrar em sua casa e constatar a inexistência de qualquer sintoma de dilúvio, como, por exemplo, uma arca de Noé flutuando carregadinha de bichos, e verificar também que não se trata de enchente, posto que você não está circulando pela casa de canoa e o *Jornal de 2.a* só previu enchentes para dentro de mais alguns meses, o eficiente funcionário, como dizia, logo logo vai sacar que, de duas, três: não sendo caso de dilúvio e muito menos de enchente, o problema só pode ser — ainda que não se comprove visualmente — de vazamento externo (torneiras, vasos sanitários etc.) ou interno (sistema de encanamento), sendo, no mais das vezes, este último caso. Contudo, não se preocupe.

No mais das vezes, o funcionário conclui que é o seu hidrômetro que está com defeito. E, ato contínuo, esse mesmo funcionário retira o seu hidrômetro danificado e põe no lugar dele um novinho em folha, pelo qual ser-lhe-á cobrada a micharia de duzentos e tantos cruzeiros, que você não sabe se vai para os cofres do próprio DAE, para os cofres da Prefeitura ou de quem quer que seja. E que importa saber?

Mas, depois disso, posso lhe garantir que você terá um período de plena paz de espírito, franca euforia, sorte no amor etc. etc.

Decorrido esse período (trinta dias, mais ou menos), você vai receber a sua nova conta de água quase duas vezes maior que a anterior. Então, como diz o samba que está nas paradas, "Não esquenta, ô cabeça..."

Você vai ao banco de sua preferência (o mesmo da vez anterior), deposita Cr\$ 25,00, leva o comprovante do DAE, que ele providenciará a ida de um funcionário especializado à sua casa, para ver qual o problema que está havendo.

Para poupar tempo, vá logo exibindo ao funcionário o comprovante do que já foi pago, para que ele perceba que o seu hidrômetro já foi trocado. Ato contínuo, exiba ao diligente funcionário a segunda via do comprovante (ates-tado) de que na visita anterior não foi constatado qualquer vazamento e que o problema era do hidrômetro, que, aliás, já foi trocado, como ele, nessa altura, já estará vendo. Diante de provas tão evidentes, o funcionário concluirá (você já havia concluído muito antes) que se trata de um caso muito estranho.

Mas isso não deve ser motivo para você se abalar. Vá ao banco de sua preferência, deposite Cr\$ 25,00, leve o comprovante desse depósito ao DAE, que este, mediante esse recibo, providenciará a ida de um funcionário especializado à sua residência, para constatar qual o defeito que ocasionou sua conta diluviana. Ai...

Célia de Freitas

LIVROS MAIS SOLICITADOS NO MÊS DE AGOSTO

- 1.o) "Assassinato no Expresso Oriente" — Agatha Christie
- 2.o) "Gabriela Cravo e Canela" — Jorge Amado
- 3.o) "Arlequim" — Morris West
- 4.o) "Fã Club" — Irving Wallace
- 5.o) "Tubarão" — Peter Benchley
- 6.o) "Teje Preso" — Chico Anísio
- 7.o) "Cães de Guerra" — Frederick Forsyth
- 8.o) "O Coronel e o Lobisomem" — José Cândido de Carvalho
- 9.o) "Arquipélago Gulag" — Alexandre Soljenitsin
- 10.o) "Vidas Secas" — Graciliano Ramos

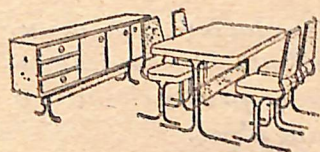
O Gabinete adquiriu no mês de agosto mais 127 livros. Conta atualmente com 18.345 volumes.

Numa promoção da Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiáí, realizar-se-á, neste Gabinete, nos dias 25 e 26/10, o I Concurso Infante-Juvenil de Piano. As inscrições poderão ser feitas até o dia 30 do corrente, à rua Barão de Jundiáí, 403.

Horários do Gabinete: de segunda a sexta-feira, das 8 às 11 e das 18 às 22 horas; aos sábados e domingos, das 8 às 11 horas.

José Carlos Pisanelli
Secretário-Executivo

CASA de MOVEIS PRIMAVERA



MOVEIS EM GERAL
ELETRODOMESTICOS
E ARTIGOS PARA PRESENTES

RUA DR. TORRES NEVES, 512
fone: 6.1222 -- Jundiáí -- S.P.

O movimento de agosto do Gabinete de Leitura Rui Barbosa

Cescem, Cescea e Mapofei

Se você fosse um colunista social, qual destas providências tomaria antes:

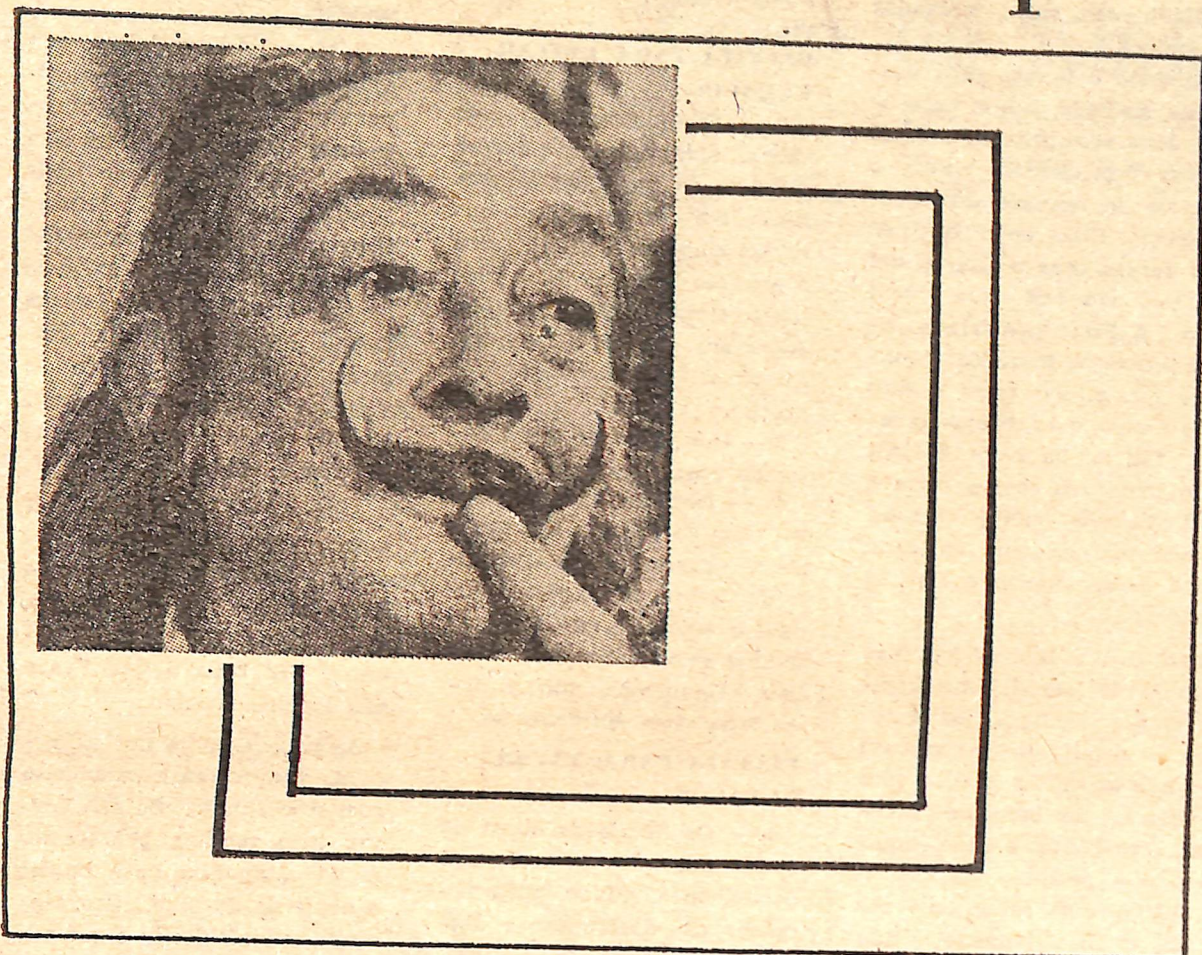
- a) faria uma plástica no nariz.
- b) daria um golden party.
- c) ofereceria uma recepção em petit comité.
- d) esconderia uma porção de caviar finlandês no bolso do paletó numa festa chique para depois mostrar aos vizinhos.
- e) nenhuma das anteriores.

Se você de repente fosse eleito vereador, pronunciaria um discurso ressaltando:

- a) o albor de um novo dia que nasce.
- b) sua disposição em defender os interesses dos que o elegeram.
- c) a excelente qualidade do lanche servido no intervalo das sessões.
- d) a simpatia da taquígrafa.
- e) nenhuma das anteriores.

Se por acaso você fosse eleito prefeito (não confunda com: se você fosse eleito prefeito por acaso) mandaria:

- a) asfaltar as ruas.
- b) asfaltar as ruas dos parentes, amigos e conhecidos.
- c) instalar um retrato seu no salão nobre da Prefeitura.
- d) pintar as ruas de verde para depois lotear e vender como área verde.
- e) nenhuma das anteriores.



Se você fosse Luís Peireira e Leivinha decidiria:

- a) ir para a Espanha, por muitos dólares.
- b) ficar no Brasil, por alguns cruzeiros.
- c) pendurar as chuteiras.
- d) fazer um eletrocardiograma no seu médico de confiança antes que os espanhóis descubram um sopro no seu coração.
- e) nenhuma das anteriores.

Se você morasse em Jundiá, no fim-de-semana iria:

- a) ao teatro.
 - b) ao Dadá.
 - c) ao campo do Paulista.
 - d) dar uma volta na avenida.
 - e) mudaria daqui.
- Se você tivesse uma coluna no jornal, gostaria de:
- a) enaltecer as personalidades vigentes.

b) enaltecer os anunciantes.

c) enaltecer a personalidade marcante de seu diretor.

e) enaltecer as personalidades vigentes, os anunciantes e a personalidade marcante de seu diretor.

f) enaltecer, simplesmente.

Se você fosse casado, gostaria de:

- a) ser solteiro.
- b) divorciar.

c) assistir "Cenas de um casamento suéco", de Ingmar Bergman.

d) ler "Love Story", de Erich Segall.

e) nenhuma das anteriores.

Se você fosse mulher, gostaria de:

a) conhecer Francisco Cuoco.

b) dançar com Frank Sinatra.

c) ter um caso com Muhammad Ali.

d) ser homem.

e) entrar para o Woman Lib's.

Se você fosse artista plástico, gostaria que o crítico ressaltasse, em sua obra:

a) a problemática da sua arte atual.

b) a policromia agressiva de seus quadros.

c) a sua temática profundamente social.

d) a universalidade de seus temas.

e) o preço do quadro.

Agora some as suas respostas. Se a maioria for a, você deve parar de tergiversar; se a maioria for b, dê um jeito no seu cabelo; se a maioria for c, trate de se calar que você não faz muito sucesso numa roda de amigos; se a maioria for d; faça uma auto-crítica e logo após um retiro espiritual; se a maioria for e, tente Cescem, Cescea e Mapofei.

SANDRO VAIA

Ao gosto, Quantum Satis

Era uma vez...

Todas as estórias começavam assim. Todas, não. De quando em quando pernoitava em nossa casa o compadre Elizeu, compadre do meu pai; meu padrinho. Padinho, pros piás. Quando crescidos, meio encabulados, morrendo de medo de parecerem pernósticos, continuávamos a dizer "padinho".

Padinho, a bença, padinho isto, padinho aquilo... padinho. E era padinho e acabou-se. O compadre Elizeu, padinho, era contador de estórias; cada peta mais verdadeira do que a outra, lorotas de valentia, assombração, alho na crina dos cavalos "pra modo o saci-pererê num fazê trancinha", mula-sem-cabeça "sortano fogo pros zóio"... patati, patatá. Na salona grande do casarão, que ficava maior ao alumeio fumacento do lampião de querosene, ficava reunida a famiagem inteira. Piaçada quieta olhando o padinho. Padinho de um, padinho era de todos. Só os grandes falavam. Os piás, moita. Depois da cangica com leite, açúcar e canela, o compadre Elizeu, já engatado na conversa começava a fazer o palheiro. O tolete de fumo entre o indicador, o polegar e o médio da mão esquerda em concha, canivetão na direita, picando o fumo, obra de arte e

toda atenção. Depois esmiuçava cuidadosamente o fumo "cardoso" (fumo rico, regado com muito caldo) forte como que, enrola-que-te-enrola na palha de milho cateto, dobrava a pontinha, "ponhava" um "amarrão" no meio, e acendia chupando firme, ao lume da manga do lampião. Acertava a brasa com a unha do dedão e pronto. Olhando-o de repente, ele era feio; mas atentando devagar aí então a gente via que ele era feio mesmo. Sorriso dentado de dentes amarronzados pelo fumo "cardoso", lá estava ele na ponta da mesa, pernas cruzadas de ringideiras à mostra, todo mundo sabia que ele tava pronto pra começar mais uma estória. Início bem diferente do "era uma veis"... ele começava assim:

— Pois é... urtivamente. Este "urtivamente" nunca ninguém soube porque era. Talvez fosse palavra ouvida em comício, que ele gostava tanto de ir. Neste ponto começava a estória, entre gostosas e degustadas fumaradas no palheiro.

— Onte pareceu lá no meu terrero — baforou a fumaça, mais cheiro de palha do que de fumo — um home de fala arrastada de estranja. Muito pimpão, gente assim de carne clarinha, era vê o menino Jesusis, que Deus me per-

doe, quero dizê, mal comparando. Ele perguntô uma porção de as coisa, sempre falano meio trapaçado, e, pa rematá me contô que lá na terra dele os trem de ferro num tem carro de fogo, anda pindurado no fio eletre e drentro das cidade anda por baixo da terra que nem minhoca.

Padinho era assim; contava mentira com a maior deslvação. Mas ele tinha uma qualidade estranha no caboclo: a de tomar nota do que lhe parecesse curioso. Andava co fumo, palha canivete, "forfe, papé e lape". Dizia letrado e fazia questão de mostrar. Nesse dia da peta do trem que andava que nem minhoca, aconteceu — disse ele — que a respeito o estranja ia ainda contar mais uma potoca e o diálogo foi assim: Disse o tal, lá na língua dele, por distração:

— Hetê ine foá...

Então padinho não entendeu:

— Qué que mecê disse?

— Erra una fêis... E o padinho:

— Dexe eu escrevê cumo meceis fala:

E escreveu como ouviu. O tal cheiroso olhou por riba pra vê o que ele tinha rabiscado e então falou:

— Oh! non é así...

Pegou o lápis do padinho e escreveu por baixo:

"Il étaît une fois".

— Ué, esranhou Elizeu. Mecê fala dum jeito e escreve doutro? Mecê é verreadô?

Foi a vez de meu pai estranhar; meu pai sim é que era letrado. Falava coisas de não se entender de tão complicadas que era.

— Ara compadre, vereador por que?

— Porque é, ué. Vereadô fala uma coisa no palanque e escreve outra lá

na Câmara. Pronuncia de um jeito e escreve doutro...

Meu pai, eterno defensor da democracia e do voto, tentou embrulhar meio sem graça, o compadre:

— Ara Elizeu, é uma questão de retórica, uma questão de semântica, uma questão de gramática...

Mas no desejo de embrulhar o compadre, meu pai saiu-se mal porque o Elizeu completou:

— Pra mim é questã de vergonha...

E uma cusparada amarelada botou um ponto final na conversa. Era o sarro...

Fomos dormir. O querozene tava no fim. E nessa noite sonhei com o absurdo trem que andava por baixo da terra.

Hoje, já velho, sonho com a sabedoria andando de braços com a vereança... O impossível pode se tornar realidade. Espero.

O BARTIMEU



COMERCIO DE COUROS E ARTIGOS PARA SAPATEIROS

r.dr.torres neves, 338 - tel.: 6-4737 (APRIMA)

r.são salvador, 115 - (FILIAL) - (CAMPINAS)

BURACOLÂNDIA

Os proprietários e moradores da cidade têm tudo, água, luz, esgotos, calçamento, remoção de lixo, iluminação pública e para tanto pagam as taxas respectivas mais o imposto que, curiosamente é maior por isso mesmo: porque já pagam todas aquelas taxas. Paga-se ainda uma outra destinada a conservação de vias pavimentadas. Para que o resultado da arrecadação? Naturalmente para conservá-las. Tudo certo?

Tomemos um automóvel e vamos percorrer todas as ruas pavimentadas de Jundiá. Não se sabe quantas horas irão ser utilizadas, não tem importância, vamos dar um passeio por todas elas, as de comprimento e as de atravessado.

Antes, porém, cuide-se de levar um secretário anotador, ou melhor dizendo um mini-computador (já que estamos na era do vai rápido que o tempo é curto) e vamos registrando todos os buracos. Não se poderá prever a quantos chegarão, mas que vai ser de arrear, vai.

Que o digam os que dirigem automóvel, ônibus, caminhões, motocicletas e, por que não, bicicletas. Que o digam os felizardos proprietários de oficinas e borracheiros. Os buracos são tantos e aumentam de tal maneira que até parece que deu broca no leito das ruas.

Pesquisando a razão de tantos buracos, ao lado de um novíssimo vocabulário de palavras, ficamos conhecendo uma coisa curiosa e até engraçada.

Há buracos secos, molhados e úmidos.

Quando o buraco está bastante molhado, isto é, correndo água, compete ao DAE tomar providências. Se o serviço de conserto do encanamento ficou bom, teremos um futuro buraco seco e daí o DAE não tem nada com isso. A Prefeitura tem a incumbência de fechá-lo. Acontece que muitas vezes o dito fica úmido, quer dizer não seca. Daí minha gente, o DAE não tem nada com a coisa e a Prefeitura muito menos. Ainda não há uma entidade para buraco úmido e fim de conversa.

Isto parece brincadeira mas não é. É isso aí. Acrescenta-se à enormidade de crateras, os defeitos do calçamento quando as pedras se levantam e formam um buraco às avessas, com pontas e tudo, liquidando os pneus.

Que alguma coisa deve ser feita, e imediatamente, não resta dúvida, porque se governar é abrir estradas (alô responsável pela primeira página), abandonar as vias públicas, se ainda funciona aquele negócio de recíproca, será des governar.

Já que nada podemos fazer além de pagar a taxa de conservação de ruínas de lambuja a taxa única do carro, só nos resta oferecer como colaboração e de graça, duas receitas antiburacos, de autoria de um amigo que foi feito, e dos maiores, pois que muito realizou e bem antes da invenção dessa maravilha que se chama ICM. Prefeito

Latorre, com sua licença, aqui vão:

RECEITA PARA EVITAR BURACOS

1 — Quando se abre uma valeta, toda a terra deverá retornar ao lugar de origem. Está claro que se levar a que sobrou embora, a valeta será o próximo buraco. Não pode sobrar terra de jeito nenhum. Jogar aos poucos e soquete em cima. Até água se for preciso.

2 — Um pouco de areia, antes do paralelepípedo.

3 — Novamente o soquete em cima da pedra. Embora o soquete pareça um instrumento de tortura, já obsoleto, ainda é o único, se não for possível o rolo compressor. Com isso, pelo menos, não se fabricarão mais buracos.

RECEITA PARA TAPAR BURACOS

1 — Os fiscais de obras da Prefeitura, que naturalmente percorrem a cidade, para fiscalizar as construções e descobrir as obras clandestinas, devem ter a incumbência de anotarem os buracos e vazamentos de água que forem encontrando e à tarde, no seu relatório, enumerá-los. Não tem sentido que essa tarefa seja atribuída aos cidadãos.

2 — Não se contrate uma empresa particular, porque daí já viu, cada buraco de 1 metro passará a ter dez.

3 — Constitua-se turma de 10 homens e um encarregado.

4 — Forneçam-se um caminhão e um motorista.

5 — Aproveitem-se os homens para carregá-lo com

areia e ferramentas, mais o soquete.

O Encarregado, inicia por uma rua qualquer. Por enquanto não precisa escolher, todas as ruas estão bem servidas. Vai distribuindo dois homens para cada buraco. Pelo tamanho o encarregado que se preze conhecerá mais ou menos o tempo necessário. Depois de distribuir os homens, voltar ao primeiro e verificar. Assim por diante. No fim do dia muitos buracos foram eliminados.

Aumente-se a receita de acordo com os convivas, quer dizer buracos. Observação importante. Não há engano, é um feitor para cada 10 homens. É bom avisar para não haver inversão.

Agora que já demos a receita, vamos dizer uma coisa com sinceridade. Se não houver jeito mesmo, pensaremos numa campanha para mudar o nome de Jundiá. Provocaremos um plebiscito e que nos desculpem os colaboradores do Jornal de 2.a, que tão carinhosamente têm usado os epítetos de Papópolis e Bagrópolis. Com o máximo respeito à tradição. Jundiáense não tem mais papo e bagres o rio não tem. O que temos em penca é buracos e não haverá nome mais apropriado para a Jundiá de nossos dias do que: BURACOLÂNDIA.

VIRGILIO TORRICELLI

"Hoje tem marmelada?"

Tem, sim senhor"

Foi aberta pela Prefeitura Municipal de Jundiá a concorrência n.º 46/75, para a construção e ampliação de escolas nos bairros de Medeiros, Mato Dentro, Paiol Velho e Boa Vista. Estão sendo exigidos, da firma concorrente, capital mínimo de Cr\$... 1.000.00,00 e que tenha construído três escolas nos últimos dois anos.

Estas exigências, como é fácil de perceber, são bastante específicas. Será que não existem muitas firmas plenamente capacitadas para realizar estas obras, mesmo não tendo feito três escolas nos últimos dois anos?

Por outro lado, o pré-orçamento (preparado, aliás, pela SOTAFPE), é altíssimo. Supera dois e meio milhões de cruzeiros. Uma escola com 260m² foi orçada por 880 mil cruzeiros. Mais de Cr\$ 3.000,00 por metro quadrado! Como nenhuma proposta pode apresentar valor inferior ao orçamento básico em mais do que 10%, isto significa que as escolas serão construídas a preço exorbitante.

Ao que parece, esta concorrência está seguindo o mesmo figurino daquela outra, do Sistema Viário.

Ecoss e comentários

Quem foi ao Córrego do Mato para assistir ao desfile escolar do 7 de Setembro, presenciou, confrangido, concomitantemente, o esvoaçar de uma tonelada de jornalões propagandísticos do trecho de avenida que vinha de ser inaugurado.

O espetáculo valeu por uma reafirmação melancólica de que os governantes, nos tempos hodiernos, não se regem mais pelas leis e sim pelo critério. E desgraçadamente em Jundiá, o critério é revel em termos de administração municipal.

Só depois que o sr. Ibis Cruz tiver deixado o governo nas mãos do sucessor é que vamos ficar sabendo qual o

montante de dinheiro do erário despendido em pirotécnica de efeito pessoal a par do sentido vesgo de aplacar as críticas jornalísticas em torno da sua tortuosa passagem pela Prefeitura da cidade.

Mas, como é óbvio, a essa altura do tempo, já os cofres municipais estarão privados de apreciável soma, que se aplicada em obras de saneamento, guias e sargetas em ruas de bairros carentes, muito teria contribuído para minorar as aflições dos respectivos moradores.

No dia do espalhamento, o citado jornalão estampava em letras garrafais, u'a manchete, atravessando duas pá-

ginas inteiras, para alardear ao povo o "Fim da falta d'água". "Um novo rio foi trazido até esta cidade" e outras tiradas imaginosas desse jaez.

E eis que, com espanto do público, três dias mais tarde, um matutino local dava largas a outra epigrafe: "Vila Jundiápolis sem água". "Os poços secaram há um mês". "Dezenas de famílias estão enfrentando sério problema com a falta d'água etc. etc."

A quem devemos dar crédito — ao matutino ou ao prefeito?

É de evidência que a notícia sobre a falta d'água foi

colhida "in-loco", o que vale dizer que a outra, apregoada de maneira generalizada pelo tal jornalão, não passa de uma intrujice urdida para desfigurar a imagem malversada da administração municipal.

Dir-se-á, por despautério, que tratando-se do Córrego do Mato, teria sido uma empresa interessada e não a Prefeitura a financiadora do caríssimo pasquim. É possível.

Entretanto, sustentados no judicioso brocardo popular de que do couro sai a correia, vamos à conclusão lógica de que foi o povo, mesmo, quem, sem o encomen-

dar nem querer, pagou pela figuração artificialista do sr. prefeito.

Essa ilação tanto mais se nos apresenta concisa quando ao ler o relatório apresentado pelos engenheiros ao diretório da Arena, sabemos que no chamado córrego de ouro estão enterrados nada menos de 40 milhões de cruzeiros sobre o cálculo de custo, denúncia que reiteradamente vem sendo feita de público sem qualquer palavra contestatória daqueles a quem compete esclarecer a população sobre o bom emprego do dinheiro do erário.

ELCIO VARGAS

67⁸ 75
ANOS



CONSTRUTORA
JUNDIAI LTDA.

CONSTRUÇÕES
industriais
comerciais
residenciais
especiais

RUA SIQUEIRA DE MORAIS 578
8º ANDAR - CONJUNTO 801-C.

O SETOR INDUSTRIAL DO MUNICÍPIO FICOU MAIOR. QUEM GANHA COM ISSO?

A certeza da rejeição do projeto de lei que inseria nova área de terra (localizada à margem esquerda da estrada de Itu) no setor industrial do Município, com isso tornando legal o seu aproveitamento para a instalação de fábricas e, conseqüentemente, sua alta valorização, fez com que o grupo de vereadores alinhados ao prefeito deixasse o plenário no momento em que a matéria ia ser discutida, obtendo, assim, a sua aprovação por decurso do prazo estipulado para o Legislativo apreciá-la. Esta manobra articulada pelo líder da bancada arenista, Elio Zillo, que obteve a adesão de outros seis arenistas, provocou a ira dos desalinhados, que, no final da sessão, procuraram a tribuna para registrar seu protesto.

O vereador Abdoral Lins de Alencar, líder da bancada oposicionista, disse, em seu pronunciamento, que é lógica a existência de interesses sobre a área de quase 100 alqueires, representada pela Fazenda Grande, que passa para o setor industrial, sem a aprovação expressa do Legislativo. Lembrando que o mesmo projeto, ou melhor, outro que visava o mesmo objetivo, já estivera na Câmara, há alguns meses (foi recusado), quando "o sr. prefeito fazia venda de áreas naquele local", Alencar deixou claro que suas palavras encerravam mesmo uma denúncia.

Por sua vez, Pedro Oswaldo Beagim, também do MDB, conseguiu, com sua explanação (violentíssima), provocar a suspensão dos trabalhos por alguns minutos, quando se preparava o revide dos vereadores que acusou de estarem encabrestados aos interesses do Executivo. Quando pôde retomar a palavra, queixou-se da correnteza contrária e "pouca gente para remar". Propôs-se, então, a "falar de flores", começando pelo relato do caso de um jardineiro que trabalha no viveiro municipal, "ganhando uma miséria" e com o corpo arrebentado, enquanto ocupantes de altos cargos de confiança, na Prefeitura, ganham de 6 a 8 mil cruzeiros por mês e sequer aparecem para

assinhar o ponto na sua repartição.

Beagim declarou, da tribuna, que passou três dias telefonando à procura do diretor, recebendo sempre a mesma resposta da telefonista que atendia: "Ele não compareceu ainda..." Aparteando-o, o vereador José Rivelli ironizou: "Acredito que ainda vá ser punida essa funcionária que respondeu que esse diretor ainda não compareceu lá!"

Romeu Zanini não fez nenhum pronunciamento sobre a obstrução havida na hora da apreciação do projeto, limitando-se a apresentar um requerimento para que fosse convocada uma sessão extraordinária para o dia 20, às 10 horas, para que a matéria pudesse ser apreciada antes do vencimento do prazo (dia 21), no que, entretanto, não foi atendido: os mesmos vereadores que fizeram a obstrução eram em número suficiente para rejeitar o requerimento.

Feira da Amizade (II)

REFLEXÃO

Todos devem saber que a Feira da Amizade é um movimento apolítico e que foi criado por um grupo de pessoas desprezadas, com o fim exclusivo de atender aos reclamos dos necessitados de nossa cidade. Desde sua primeira realização, isto é, nos seis anos anteriores, o poder público se absteve de qualquer participação mais efetiva nesse movimento, limitando-se, unicamente, a ceder o Parque Municipal para a sua realização.

Durante a atual administração realizaram-se duas Feiras da Amizade — a V e a VI, em 1973 e 1974 — sem qualquer interferência do poder público. Nesta VII Feira, que se dá por encerrada, uma publicação de agradecimentos, pela imprensa, deixou caracterizada a injunção do Executivo municipal nesse acontecimento, como houvesse ele dado substancial e indeclinável apoio material — imprescindível até — para que a cidade tivesse a festa que teve. Nosso objetivo,

pois, nesta oportunidade, é tecer considerações sobre esse apoio dado pela Municipalidade, sobre os agradecimentos externados e os interesses político-eleitorais num movimento superior a qualquer promoção pessoal dos postuladores de votos, sempre presentes a acontecimentos dessa natureza.

Não somos contra a colaboração dada pelo poder público. Ao contrário, somos de opinião que o movimento interessa a toda a cidade e muito mais ao poder público. Mas, perguntamos: por que, somente agora, a administração resolveu colaborar com a realização da Feira? Por que se omitiu na V e na VI? Por que se fazer publicar um agradecimento ao sr. alcaide, saindo o respectivo preço do resultado financeiro da Feira, do esforço de uma centena de pessoas? Pretendemos responder e ponderar.

Fique, antes, bem claro, que nossa posição é no sentido de que uma administração sensata não se pode omitir em ajudar a Feira da Amizade. Fazendo-o, não faz nada mais que cumprir sua obrigação. E quem cumpre uma obrigação não merece elogios e nem agradecimentos. Afinal de contas, socorrer os necessitados é uma obrigação dos órgãos públicos e não dos particulares, que, sendo produtores de riquezas, em decorrência disso participam e são coagidos por normas expressas a entregar parte dessa sua produção ao poder público, que é quem comanda a sociedade.

Se o poder público é incapaz de socorrer os infelizes e particulares se propõem a amenizar essa deficiência, nada mais lógico que o poder público dar sua colaboração, contribuir, estimular, visto que o resultado material será empregado na sociedade por ele dirigida.

Ser honesto, possuir bom caráter são atributos pessoais que se exige de todos os indivíduos da espécie humana, e o portador dos mesmos não precisa ser agradecido por possuí-los, pois correspondem a uma obrigação sua para com a sociedade.

Mais: a ajuda do poder público para obras dessa natureza é, em síntese, uma contribuição de toda a sociedade, pois são os "bens pú-

blicos" aplicados para uma realização cujo produto é destinado justamente ao amparo dos necessitados que vivem no seio da sociedade.

O agradecimento ao sr. alcaide só poderia ter sentido se ele tivesse contribuído substancialmente com bens do seu próprio bolso. Mas, ainda assim, ele não faria jus a um agradecimento pela imprensa, pago com produto da Feira, porque, entre a centena de colaboradores, há quem tenha dado mais em esforço pessoal e em bens materiais, fazendo, pois, no caso, também jus a tal agradecimento. E se todos fossem assim agradecidos, o produto arrecadado com a promoção da Feira certamente seria totalmente destinado à imprensa, nada sobrando para o atendimento dos humildes e necessitados.

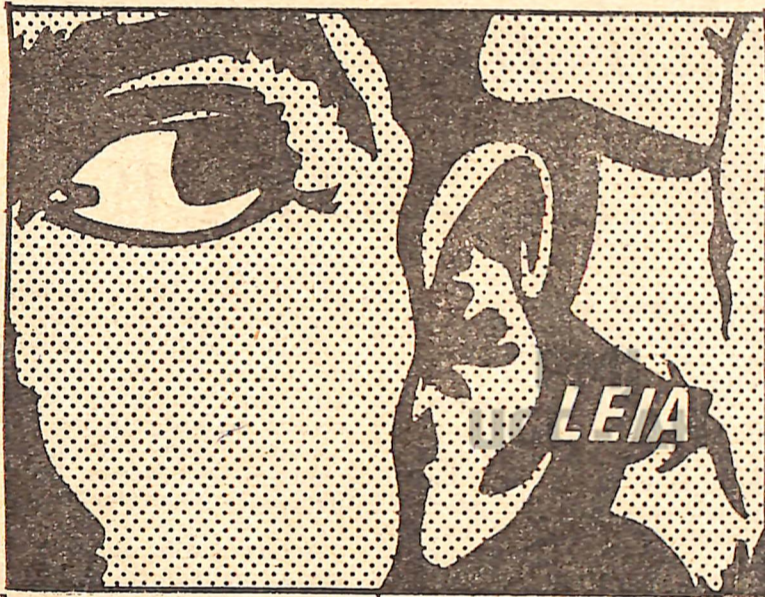
Por outro lado, uma administração que gasta milhões em publicidade, jantares, lutas de boxe etc. etc., não vemos por que deveria negar-se a colaborar com a Feira da Amizade, cuja decência dos organizadores, dos colaboradores e do próprio empreendimento está acima de qualquer análise terrena.

Há de se convir, enfim, que o agradecimento não poderia ser bem interpretado — como de fato não o foi — por todos aqueles que realizam essa obra há sete anos. Conhecemos o trabalho de centenas de pessoas ao longo desses anos todos. O que dá a entender é que é muito mais fácil dar "bens públicos" e receber agradecimentos particulares do que dar "bens particulares"; que é muito mais fácil contribuir — e se a pessoa o faz é porque pode — do que passar um vexame de pedir, vender rifas, dar seu esforço humano em prol da realização da Feira.

A todas aquelas pessoas que deram uma parcela de seus bens e de seus esforços, a estas sim, os profundos agradecimentos da cidade; não aos que doam bens públicos e que têm obrigação de colaborar. O que houve, no caso aqui tratado, foi uma inversão de valores à qual bem se aplica o adágio popular: "Papagaio come milho e o periquito leva a fama." Não acham?

O PENSADOR

JORNAL DE 2ª



Todas as 2ª feiras nas bancas

Arquitetura: proposta inovação no ensino



O arquiteto Antonio Fernandes Panizza (no centro da foto), inspetor do CREA na região de Jundiá, apresentou, na última reunião desse Conselho, uma proposta no sentido de se criar em todas as Faculdades de Arquitetura do Estado áreas experimentais de trabalho, onde os estudantes possam receber preparo prático adequado para o futuro exercício da profissão. Em tais áreas de treinamento os futuros arquitetos já fariam seus primeiros projetos populares, os quais poderiam substituir os projetos-padrão fornecidos atualmente por numerosas prefeituras do nosso Estado. Assim, desde essa fase de formação, eles seriam levados a ter uma atuação fiscalizadora, não perfilando, mais tarde, entre os profissionais acostumados a vender sua assinatura, apondo-a sobre projetos elaborados por simples desenhistas, sem nenhum conhecimento de problemas urbanísticos. Além disso, as áreas experimentais teriam função equivalente à de um pronto-socorro médico ou dentário, com benefícios gerais para toda a coletividade.

CASA TUPÃ
loja de calçados e roupas em geral...
saad & araujo LTDA
RUA DR. TORRES NEVES 342 FONE: 4.3054

O que será?
Zeliserie

NA HORA DE SEU ENCONTRO COM OS AMIGOS, ... LEMBRE-SE: **KIBE KADI**
PRATOS ARABES • PIZZAS • KIBES
ROSÁRIO, 239 fone: 4.2669
ABERTO ATÉ AS 4 HS. DA MANHÃ

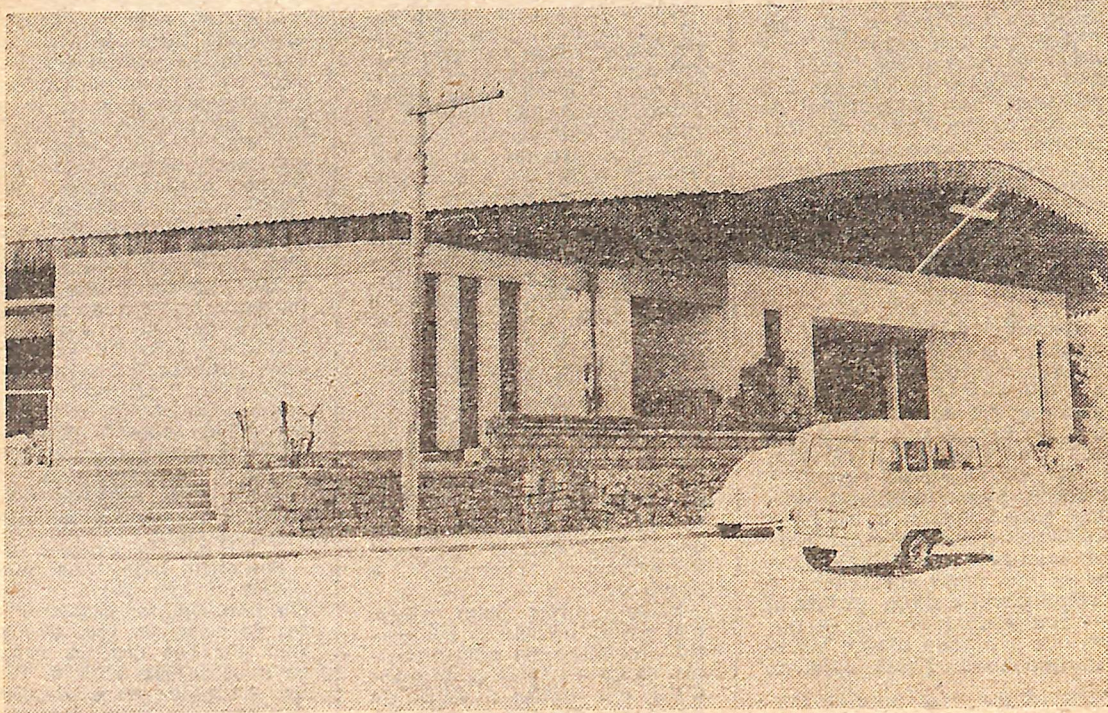
Do amor concreto, a comunidade

Quando os três missionários aqui chegaram, em 1968, falando uma língua diferente e tentando ensinar uma vida na paróquia Nossa Senhora de Fátima, na Vila Hortolândia, o bairro todo estranhou. E também até desconfiou, porque nunca tinha havido na capela local, mesmo com as mudanças de vigários, uma modificação tão grande como então queriam fazer os estrangeiros.

Júlio Masson, o novo vigário, mais os padres Paulo André e Renato, os três canadenses, também estranharam e se sentiram aflitos. Não com a hostilidade, mas por verem as condições de seu novo pastorado, uma numerosa população vivendo sob o analfabetismo, a pobreza e, o que era mais difícil para eles, ainda sem muitas convicções na sua crença.

Levaram-se meses até que os padres compreendessem bem a realidade da paróquia e outros tantos para começar a convencer a sua gente a aderir à nova mensagem que transmitiam, de uma igreja como centro de uma comunidade onde todos se aperfeiçoassem e se ajudassem pelo sentimento de amor concreto ao semelhante.

Hoje, decorridos 7 anos daquele primeiro encontro, e os missionários estão ainda na mesma paróquia, aperfeiçoando a concepção de vida comunitária que implantaram e vingou, e que agora não é mais só da Vila Hortolândia.



A difícil missão de transpor as barreiras

“Quando aqui chegamos — conta padre Júlio, sentado no sofá da pequena casa em que vive, junto com outros missionários — nada encontramos a não ser uma pequena capelinha, um pouco mais acima do atual Centro Comunitário. A reação de todos, quando tomaram conhecimento de nossa presença foi violenta. Mas, após alguns meses de estudos, começamos a fazer — antes de tudo como bons assistentes sociais —

visitas às famílias, iniciando um processo de valorização humana. Empregos para os necessitados, só nesse início, foram mais de duzentos, sem contar com nosso carro, que serviu de ambulância, no transporte de doentes, pra cima e pra baixo o dia todo, principalmente na madrugada.

“O pessoal reagiu no começo, porque havia muita dificuldade no diálogo entre nós e a família e principalmente marginaliza-

dos e não entendiam o que, nós, padres canadenses, estávamos fazendo na Vila Hortolândia.

“Mas, dentro dessa realidade, fomos aplicando um sistema de promoção humana e, nos dias de hoje, aqueles que não participam é que se sentem marginalizados. Lançamos a idéia de comunidade, de ajuda ao próximo e muitos foram entendendo, aceitando e aplicando esses conceitos. Exemplo muito bom dessa aceita-

ção, foi quando aumentou o número de famílias imigradas no bairro, vindas de outros Estados, e já as esperava um grupo organizado de voluntários, que as abrigavam e as ajudavam, apesar destas terem poucos bens materiais para si”.

Padre Júlio, que é o vigário, considera um dos maiores problemas a falta de definição, atualmente, por parte das pessoas que frequentam esporadicamente o Centro Comunitário. Grupo de casais e não equipes de Nossa Senhora; reuniões juvenis e não comunidades, “para se fazer um trabalho de formação, se fazer uma evangelização intensiva para se

chegar a uma conclusão. A oportunidade para resolução está aberta a todos, porque não o abordamos sistemas religiosos; realizamos, sim, reuniões onde são discutidos os problemas à luz do Evangelho”.

CRIANÇAS

Os padres não realizam nenhum trabalho junto às crianças; orientam os pais e são estes que vão educar ou não religiosamente os filhos. Se acham que é bom, que é direito, eles vão envolvendo as crianças; senão, nada podemos fazer. Apenas uma vez foi realizada a chamada primeira comunhão, meses depois que chegaram “mas isso não existe, nada substitui o papel da família”.

Ladrões, maconheiros, assaltantes. São ossos do ofício.

A paróquia de Júlio, Paulo e Renato é na Vila Hortolândia, quando, ao chegarem, ocorria semanalmente assaltos com morte, sem contar as brigas e os furtos, largamente difundidos nos jornais. Era a famosa Vila Hortolândia, das manchetes diárias e do reduto de marginais.

Esse contato com elementos marginalizados é uma constante para eles, cuja preocupação foi mudar a atitude que lhes eram dispensadas. Baseados no apoio, na compreensão, tentaram alterar, também, a convivência deles com suas famílias. “Temos de entender que a melhora dessas pessoas precisam partir

de fora para dentro, num trabalho desenvolvido por todos”. Sorri e completa: “Até que temos um bom relacionamento com eles”.

Não são raras as vezes na qual percebem que, próximo ao Centro ou a casa onde moram, um grupo de jovens fumam maconha, alienados do mundo, com medo de serem surpreendidos por alguém ou mesmo pela Polícia. Mas o importante é que estão sentindo o problema e vendo com outros olhos a possibilidade de reintegrarem o convívio familiar e social. “Até que, às vezes, emprestamos a chave da quadra de futebol de salão para eles irem brin-

car. As vezes, não; emprestamos sempre que eles nos solicitam.”

Os marginais mais perigosos “estão presos” e quanto aos irrecuperáveis, o próprio crescimento do bairro — que está com uma população calculada em torno de 30 mil — afasta essa gente, “que não conseguem viver em comunidade.”

O índice de criminalidade abaixou consideravelmente, “e todos aqueles que não acreditavam que íamos elevar a condição de vida dos moradores, que acreditavam que não havia condições de melhora, nós estamos provando o contrário.”

Como as pessoas reagem

As autoridades, tanto civis como eclesásticas, têm diferentes reações quanto ao trabalho que os padres canadenses estão realizando. Muitos acham que todos precisam aderir, outros concordam e dizem que está certo e ainda outros pensam que eles chocam o povo e não admitem essa catequese, mas “temos que ter uma visão única da Igreja, e muitos vão mantem-

do as tradições, temendo as mudanças. A verdadeira religião é amar ao próximo e viver num mundo digno. Nós somos criticados, queimados, mas a longo prazo acreditamos que nosso serviço compense.

No início foi muito difícil fazer com que as famílias aceitassem a visão atual de vida comunitária, a visão de que a religião não era apenas

do domingo e sim um modo de encarar a vida; e de que de nada servia atos religiosos dentro de uma visão pagã. E as pessoas foram aderindo ao movimento, tanto que hoje, aquelas que estão desligadas e não participam, reconhecem que os padres marcaram a vida do bairro e dizem que gostariam de participar. “E isso representa muito para a gente”.



Os religiosos Paulo e Júlio

Não uma igreja, mas um centro comunitário.

A igreja que os padres construíram não é propriamente um templo, mas sim um Centro Comunitário. Quando pensaram nos projetos de um novo prédio, substituindo a antiga capelinha, muitos queriam um prédio bonito, luxuoso e reagiram à idéia de não terem propriamente uma igreja. Mas, o pensamento de que a igreja não é prédio e sim gente prevaleceu e o Centro Comunitário acabou sendo edificado de maneira simples como queriam os padres. "Precisamos de ajuda de todos e muitos mutirões foram realizados; é simples, modesto e até hoje muitas pessoas o contestam".

Mas o Centro é dinâmico, com atividades todos os dias, como palestras, cursos e reuniões, e não apenas nos fins de semana, como é comum ser, para celebração da missa.

Muitos cursos começaram a ser ministrados — Mobral, Corte e Costura, Bordados — além dos encontros de jovens e casais. "Iniciamos esses cursos não para tomarmos a direção e sim para criar a necessidade, filosofia essa que seguimos desde que aqui estamos. As pessoas se interessaram e assumiram a responsabilidade, numa sequência natural; agora, apenas supervisionamos e cedemos o Centro Comunitário para as aulas".

AMBULATORIO

O prédio do Centro Comunitário já serviu até para a instalação de um ambulatório, que funcionou até que a Prefeitura abriu a Unidade Médica.

Por que fechou o ambulatório?

"Porque a igreja não existe para manter esses tipos de serviços; cria, sim, a necessidade. Nós já entregamos outros grandes problemas e estamos abrindo outros novos. Este é o trabalho que a igreja desenvolve".

O ambulatório teve uma duração de cinco anos e quando Júlio soube da criação da Unidade Médica, tentou entrar em entendimentos com o prefeito, no sentido de 'pormos à disposição o nosso arquivo, elaborado durante muito tempo, fruto dos atendimentos e das visitas que realizamos' no sentido de conciliar-se as duas coisas. Mas o pessoal da Prefeitura não aceitou a colaboração, não se sabe por qual motivo e a Unidade de Serviço foi inaugurada.

O serviço de atendimento médico está funcionando, mas eles não se preocupam propriamente com a assistência, com a promoção do indivíduo. Quando tem verba, tem remédio, quando não tem verba, não tem remédio. "E acabam acostumando mal as pessoas. Os que lá trabalham estão muito mais preocupados em prestação de contas, em elaboração de relatórios. Mas o atendimento médico está funcionando bem".

AMIGOS DO BAIRRO

Foi criada, também, a

Sociedade Amigos do Bairro, com reuniões periódicas no Centro Comunitário, mas depois ela foi dissolvida porque estava servindo apenas de pedestal para políticos e falsos amigos, que viam na So-

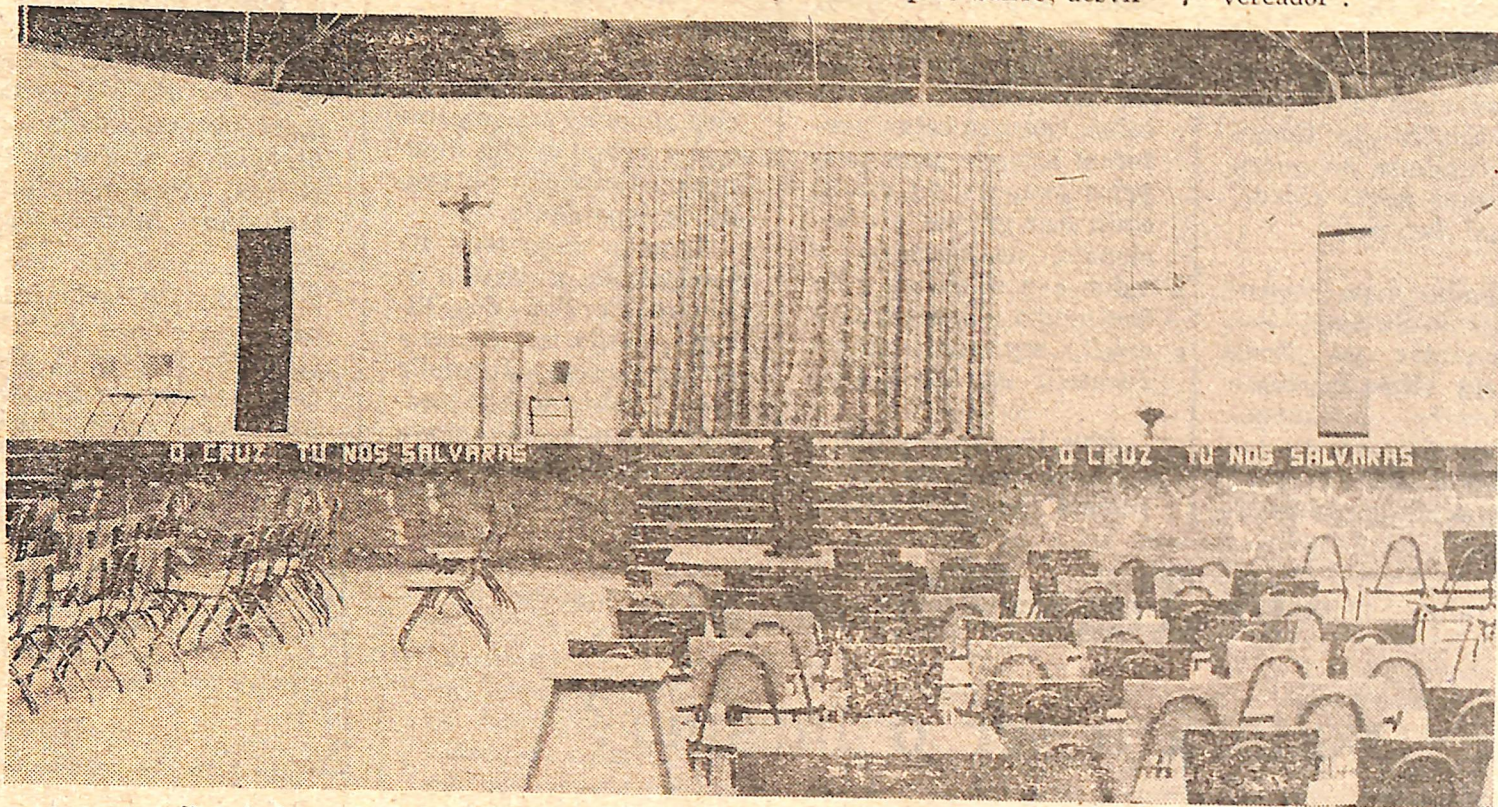
cidade uma forma a mais para galgarem postos e coletarem votos. Júlio fala: "A gente preparava todo o esquema das reuniões, todos os assuntos a serem debatidos; depois, vinham os interessados, com fotogra-

fos e repórteres, à tiracolo, pediam a palavra e faziam belos discursos em altos brados. No dia seguinte, os jornais estampavam belas fotos, enaltecendo o trabalho que aquelas pessoas faziam pelo bairro, desvir-

tuando as nossas intenções".

E essas pessoas, conseguiram alcançar esse objetivo?

"Sim; hoje uma delas é vereador".



O centro: nos dias úteis, cursos e reuniões; nos fins de semana, missas.

Muitas reclamações, uma delas é do não funcionamento do ginásio.

Sempre que foi preciso e que os sacerdotes notaram que a presença deles poderia vir a ser decisiva, saíram para brigar em favor do bairro. Muitos benefícios de água, esgoto e calçamentos foram resolvidos junto à Prefeitura, "que sempre acaba colaborando devido à insistência e à pressão que nós e os moradores fazemos".

O problema maior: muitos jovens estão deixando de estudar e outros voltando a pé da cidade, enquanto o bairro tem uma escola há dois anos construída e até hoje não está funcionando.

Isso traz graves problemas para todos; os estudantes precisam se locomover até o centro, em coletivos que trafegam nor-

malmente lotados; na volta, às 23 ou 23,30 horas, muitos não conseguem pegá-los e retornam a pé. "Esse fato é grave e muitos pais estão proibindo seus filhos de frequentarem as escolas, com medo de que possa acontecer algum imprevisto."

E por que razão o prédio escolar não é aberto?

"Porque, segundo fomos

informar-nos, há um problema na parte elétrica que a firma construtora não quer admitir, criando um impasse. A firma deu por encerrado o serviço, mas o Estado não aceita, alegando que o prédio está ainda incompleto. Enquanto se desenvolve a burocracia, os prejudicados são os estudantes aqui do bairro."

A última iniciativa, a construção da creche

A última iniciativa da equipe religiosa e fiéis é a construção de uma creche (ao lado). Foram levadas em consideração a alta do custo de vida, a necessidade de as mães trabalharem e a falta de um lugar onde deixar seus filhos.

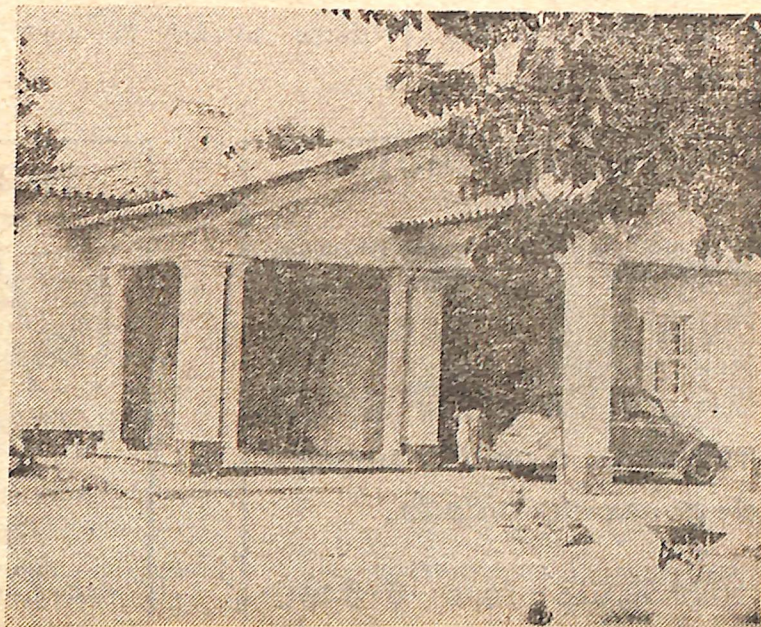
Como idéia, existe desde dezembro de 72, quando foi formada uma comissão para estudar o assunto, pois "precisamos fazer alguma coisa nesse sentido".

Agora, realizando uma reunião por semana e com a ajuda de verdadeiros mutirões — caso igual quando da construção do Centro Comunitário —, pedreiros e ajudantes reformaram uma casa na rua Campinas, 58.

"A creche é mais uma necessidade que estamos criando, com o objetivo de atingirmos as famílias necessitadas. Queremos também salientar que esse serviço é uma luta da gente e das pessoas que ajudam a construí-la, e não de certos vereadores que ficam falando em jornais que conseguiram isto e aquilo para este bairro, incluindo entre essas mentiras a creche, que ainda nem está terminada."

E quando acharem que o bairro já se desenvolveu e acabou essa tremenda luta de vocês junto ao povo?

"Nós mudamos para outro bairro mais distante, que necessita mais da gente."



Teatro Amador reclama mais apoio

A questão financeira, a falta de interesse de muitos que poderiam contribuir, a omissão do Poder Público e a infundada recusa dos pais em permitir que suas filhas ingressem no grupo — esses são os motivos apontados por Jurandir Antônio de Oliveira para justificar o quase completo ostracismo em que subsiste a Companhia Teatro de Comédias, fundada há quase doze anos nesta cidade, da qual faz parte.

Sediada nas dependências do Sindicato dos Ferroviários da Zona Paulista (Rua Prudente de Moraes), a Companhia ensaia somente aos domingos, das 13 às 17 horas, sendo o seu atual

elenco formado por 15 elementos, a maioria principiantes. Suas últimas apresentações, com a peça "O Coração de Roberta", aconteceram no Centro Comunitário da Vila Hortolândia, duas vezes em Pirapitingui e no Santuário de Santo Ângelo, em Moji das Cruzes. Até hoje não conseguiu fazer nenhuma exibição em escolas, "porque estas preferem assistir seus próprios grupos ou então contratar grupos profissionais, desprezando o valor e o sacrifício de um grupo amador como este", segundo explica Jurandir Antônio.

Classificada como grupo amador, a Companhia Teatro de Comé-

dias não tem podido auferir qualquer lucro nas suas apresentações, fazendo-as sempre graciosamente e para fins beneficentes. Todas suas despesas têm que ser rateadas entre os componentes do grupo. Ocorre que muitas vezes a essas despesas se acresce a da locação de um teatro, tornando-se, então, demasiadas para eles suportarem, mesmo que o grupo tenha alguma participação na renda do espetáculo.

Quando ingressou na Companhia, a convite de Alvaro Pereira de Oliveira, então um de seus responsáveis, Jurandir pouco sabia sobre teatro. Quando já estava mais ou menos entrosado com o grupo, cuidan-

do da parte de texto, precisou deixar esta cidade, desligando-se de tudo. Quando voltou, o grupo estava dissolvido. Então se preocupou em recompô-lo.

Hoje ele afirma, com certo orgulho, que conseguiu levantar sozinho a Companhia, "isto, é claro, com a autorização do responsável". "Desde então — diz ele — adquirei personalidade de direção e produção artística, continuando o trabalho iniciado antes."

Já em 1969 ele fazia parte do elenco de "Coração de Roberta", peça que a poder de grandes sacrifícios conseguiu levar até o público. "Fiz esforços além de mim

para poder levar os "shows". Procurei apoio na Prefeitura algumas vezes, mas este não nos foi dado."

Em 1972 integrou o elenco que apresentou "A Cigana me enganou", participando ainda de novas apresentações de "Coração de Roberta". Fora isso, tomou parte em outros quinze espetáculos teatrais, entre esquetes incluindo diversas esquetes cômicas. Neste ano de 1975, com a criação da Comissão Municipal de Teatro, ele foi um dos convidados para membro e espera poder fazer algo, aplicando sua experiência, para melhorar as condições de Jundiáí no setor teatral.

O Teatro Guarani voltará a ser o mesmo?

Jundiáí já teve, nestas últimas décadas, pelo menos dois grupos amadores de teatro que conseguiam atrair grandes platéias para suas apresentações. Um deles foi o Teatro Guarani, fundado pelo industrial Luis Latorre, que no ano de 1960, em meio aos ensaios da peça "O Santo Milagroso", paralisou as suas atividades. O outro foi o Teatro do SESI, cujas atividades se prolongaram até 1972, incentivado pelo mesmo público que via as peças do antigo Guarani.

O Teatro Guarani experimentou um período realmente de glórias, quando era comandado por Miguel Latorre e levou ao palco, repetida-

mente, a conhecida peça "Auto da Compadecida". Denominava-se, na sua fundação, Grupo de Teatro Dramático, passando mais tarde a Teatro Guarani de Comédias. Teve como principais ensaiadores Paulo Rodrigues Branco, Rubens Soares, Heitor Ranzini e, no crepúsculo de sua existência, Tião Penteadado, que viria a ser o ensaiador do Teatro do SESI.

Penteadado recorda que Miguel Latorre era verdadeiramente apaixonado pelo Guarani, devendo-se o êxito do grupo, em grande parte, ao seu esforço e dedicação. Hoje todos se indagam: Miguel teria se cansado dessa tarefa? Por que

deixou o Guarani encerrar suas atividades de um momento para outro? E guardam a esperança de que um dia esse teatro reinicie suas apresentações.

O Teatro do SESI foi quem mostrou ao público jundiáense "O Santo Milagroso", que o Guarani deixara no meio dos ensaios finais. Depois mostrou também "Irene", "Os Transviados", "Almajarro", "Arsênico e Alfazema", "Ódio, Crença e Perdão" e tantos outros espetáculos que o público guarda na lembrança desde o desaparecimento do grupo, no ano de 1972, por força de orientação da diretoria geral do SESI na Capital.

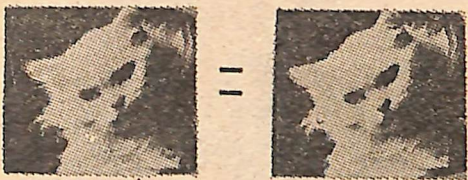
Instituto de Orientação programa nova atividade

O Instituto de Orientação Artística está preparando uma exibição de suas alunas para o próximo mês, na qual serão mostradas cerca de quinze danças, incluindo a parte clássica e a moderna. Informa o professor Luiz Carlos Nogueira que quase tudo já foi preparado no que diz respeito a cenários e figurinos, enquanto as fitas estão sendo gravadas em São Paulo.

O professor Nogueira ensaia as alunas do I.O.A. desde o ano passado, estando agora empenhado na implantação do método Royal, que foi criado por Margot Fountey e Rodolfo Nureieve e se aplica, hoje, em quase todo o mundo.

"Acho que em algumas coisas nós estamos atualizados", afirma ele. Essa escola dá os cursos Baby-class e Primary para crianças ainda principiantes no ballet, possuindo também os cursos Moderno (para meninas) e o de Expressão Corporal (para adultos). As aulas são ministradas às segundas e quintas feiras, na parte da tarde, custando a matrícula Cr\$ 60,00 e a mensalidade Cr\$ 80,00. Os frequentadores desses cursos são crianças na faixa dos 8 aos 16 anos de idade. O curso que tem tido maior procura é o Expressão Corporal, segundo informação do professor Nogueira.

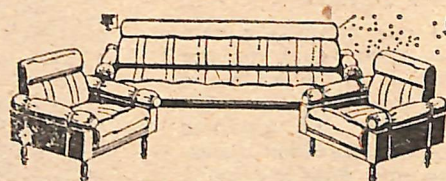
FOTOCOPIADORA MALTONI



nós temos o melhor serviço de xerox da cidade.

rosário, 618 - fone: 6-8460

PARAISO dos MOVEIS



TELEVISORES

DORMITÓRIOS

ESTOFADOS

rua dr. torres neves 495
fone: 6.1217 • Jundiáí • s. p.

Leia
e comente o
JORNAL DE 2.ª
Assinaturas: Fone 4-2759

A visão da "coisa"

E volta e meia vinha o "Betelinho" com o "papo": "Domingo, lá no sítio, o "Chico"..."

Até que um dia ele contou que o "Chico" queria vender um carro de corrida. Uma "carretera". Um Chevrolet 1939 transformado. E aquilo ecoou dentro em mim como as trombetas do céu (se é que ainda não instalaram lá um conjunto de som japonês).

E eu fiquei maluco por querer ver a "carretera Chevrolet". Ainda mais, a do Chico Landi. Marcamos um encontro em São Paulo. E na própria casa do próprio Chico Landi. Em sua própria oficina!!! E viemos a São Paulo.

Quando o "Betelinho" me apresentou ao Chico eu devia estar olhando pra ele com aquele olhar aparvalhado, de quem é apresentado a São Pedro. E fomos logo para a oficina, que fica até hoje nos fundos da casa do Chico. E lá estavam carros e partes de Maseratis, Ferraris, Mercedes, Alfas, Porsches etc. Tudo o que pode deixar malucos os ditos malucos de minha espécie. Qualquer peça diferente já encantava e, por que não dizer, estarecia. Eram coletores de admissão especiais, com carburadores Weber, cabeçotes com dupla alumagem, caixas de câmbio diferentes, e as paredes enfeitadas com fotos já aquela época amareladas.

O ambiente. O próprio ambiente da "boca" de corredor. E como a fazer parte da decoração lá estava o "Cacau", mecânico que acompanhara o Chico pelas andanças da Itália, notadamente de Bari, onde o Chico ganhara uma boa corrida para a Ferrari. (Em 1972, quando estive na Itália, no Maranello, atendendo a um telefonema que o comendador Ferrari fizera para mim, em Londres, pude sentir o carinho com que o comendador se refere a essa vitória e ao próprio Chico, além da admiração atual pelo José Carlos Pace.)

Mas, ali estava eu na "toca do lobo". E o "Betelinho" num papo cordial com o Chico, enquanto meus olhos procuravam reter tudo o que viam, querendo guardar, como a um computador, todas as informações novas.

Mas a "carretera" não estava lá. Fomos até um outro local onde a mesma havia sido guardada.

E o Chico contou que o carro estava completamente revisado e pronto para correr. Estávamos nos dias que se seguiam ao Natal, antes do Ano Novo de 1960. E o carro estava pronto porque o Chico o havia preparado para correr as "Mil Milhas" de 1960, mas, à última hora, a Fábrica Nacional de Motores lhe havia oferecido um JK-Alfa Romeo para essa prova. E a "carretera", pronta, ficou de lado, porque a fábrica, além do carro, havia oferecido "uma nota" para o Chico "sentar e tocar".

E quando o Chico descobriu a "bárata", já senti o coração batendo no pescoço. Provavelmente ele estivesse me dando atenção somente porque eu me fazia acompanhar do "Betelinho". Se assim não fosse, talvez nem tivesse deixado sua oficina para levar-me àquele local.

E dentro da "carretera Chevrolet" encontrei uma velha conhecida: a poltroninha de veludo marrom, que anos antes eu encontrara no Nash 6 cilindros, na rua Teixeira Leite. Amor do Chico Landi. Um misto de coisa funcional e de superstição. Nem mesmo soube até onde começava uma coisa e onde terminava outra.

E o que era uma "carretera Chevrolet"? A não ser os que estão diretamente ligados ao automobilismo da época poderão imaginar. O chassis, somente o chassis, o eixo dianteiro e o corpo da carroçaria eram de um cupê Chevrolet 1939. Assim mesmo, a carroçaria tinha sido aliviada do capô do motor, grade, pára-lamas, estribos, pára-lamas traseiros e a tampa do porta-malas. Para cobrir o motor, uma tampa mal feita, deixando o radiador à mostra. Nada de pára-lamas dianteiros ou traseiros. No lugar da tampa do porta-malas, uma lona pintada. Por dentro do carro, nada de estofamento, bancos, vidros, forração de portas, maquetinas, tapetes. Lata pura. O chão do carro lembrava muito Silvio Caldas. Barracão de zinco. Chão e não o teto, todo furado, deixando passar para dentro: barulho, poeira, fumaça e a visão do chão, que assustava nas altas velocidades. Nem a divisão do banco traseiro com o porta-malas estava lá. Olhando-se para trás, por dentro do carro, via-se a tampa de lona do porta-malas. Até o painel tinha sido "envenenado". No lugar do original, uma folha de chapa fina, sem porta-luvas, e os sagrados instrumentos básicos: contagiros, temperatura de água, pressão de óleo e amperímetro.

A visão, para quem não estava ligado a automobilismo de competição, deveria ser "macabra".

E a mecânica: chassis e carroçaria de Chevrolet 1939. Radiador especial Zago, feito no Rio Grande do Sul. Motor Chevrolet, 8 cilindros em V, com comando de válvulas argentino, pistões, anéis e bielas especiais, cabeçotes trabalhados, válvulas com diâmetro aumentado e ângulos alterados, coletor de admissão especial para 3 carburadores Ford 97, distribuidor especial, girabrequim balanceado e tratado, tuuchos mecânicos, balanceiros roletados, volante do motor aliviado, embreagem especial e balanceada junto com o girabrequim (até os parafusos de fixação são numerados).

E o Chico continuava a contar, isso porque, a essa altura, eu ainda não estava "por dentro" de tudo o que se podia fazer. E com os olhos estatelados, eu ouvia tudo aquilo, sem conseguir entender bem o que significava. Com o tempo, foi possível entender o valor de todos esses itens.

O câmbio era um 4 marchas, Corvette. O diferencial era de Ford F-1, sem autoblocante. A coluna de direção era de camioneta Chevrolet 1968, muito macia e por isso mesmo pouco eficiente nas correções rápidas. Relação de desmultiplicação muito desfavorável.

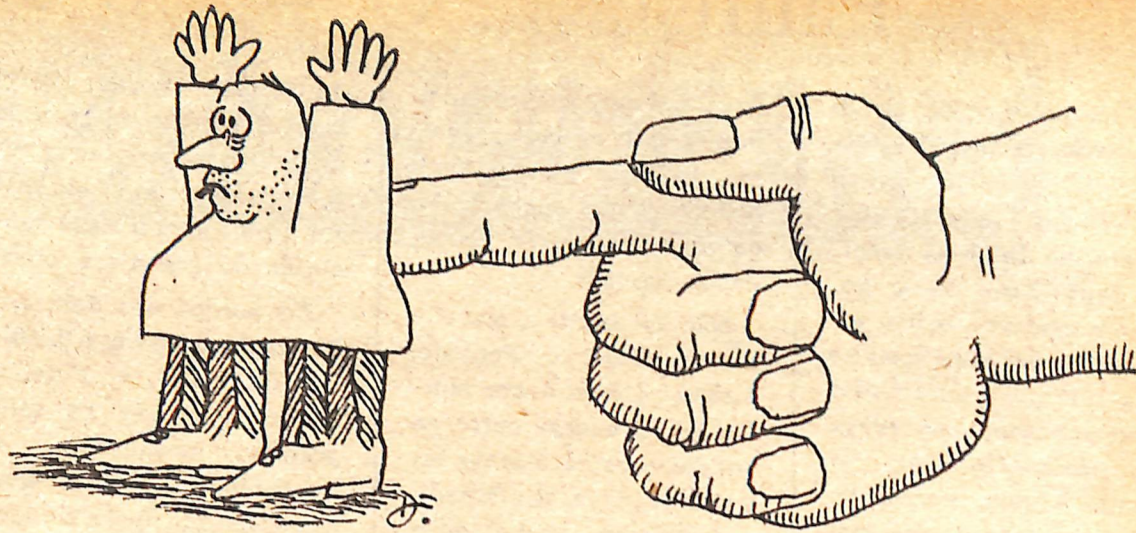
Os amortecedores, frente e traseira, "cebolinha" Ford.

Os freios dianteiros, de Maserati. Eram em alumínio aleado, de grande diâmetro. Tão velhos que deveriam ter mais valor histórico que mecânico.

Rodas aro 16, 600 x 16 na frente; 700 x 16 na traseira. Os dianteiros com 4 lonas e os traseiros com 6 lonas, porque essa medida era usada em camionetas. Naquela época nem radiais eram. Apenas os "Stelvio", da Pirelli. Os "Cinturato" ainda não haviam nascido. Rodas à mostra. Frente inclinada. Que visão!

Restava agora ver o que seria necessário fazer para ficar dono da "coisa".

Antonio Carlos Avallone



Teje livre

Tem dias que acordamos com vontade de chutar o mundo, vontade de permanecer na cama, deixar que o tempo se esvaia e tudo se consuma.

Tendo que nos levantar por honra da firma, passamos dia a fora a carregar um contido desejo de liberdade. Liberdade de enfrentar um monótono trabalho, de não tirar férias, de morar de aluguel, chegar ao fim do mês sem nenhum dinheiro, de precisar pedir emprestado nas emergências.

Liberdade de poder parar para pensar, para ver: um velho atravess-

sar a rua, um jardineiro a cuidar das rosas, a molecada a subir nas árvores.

Liberdade de cair dentro de um atravancamento, de buzinar para o lerdado da frente e ficar com raiva do afobado detrás. De perder o domingo pelo atraso, tolerar a reprimenda do patrão.

Liberdade de apreciar o verde do arvoredo que sombreia a praça, e, à noite, sentar ao lado do coreto e da fontezinha, vendo os mocinhos aos namoricos, vendo a criança comendo pipoca e algodão doce, as meninas

a brincar de roda e os meninos de soldado-ladrão, as famílias se encontrando para um proseio.

Liberdade de colar sobre a derrubada das figueiras, de tolerar a substituição dos jardins por casamatas geométricas de cimento. De concordar com o chumbo do céu antes azul.

Liberdade de sentir o amor e considerar-se pleno, e não querer buscar melhor. De trocar idéias, de fazer críticas. De poder falar, mesmo sem base.

Liberdade de se acordar e ter medo de esquecer o que é preciso.

DROPS MISTO

O médico não levou mais que um dia para acabar com a irritação na pele do paciente. E explicou: "Alergia de pobre dura pouco"

Dominava bem o português. Era da PIDE

Trabalhava dezoito horas por dia e ainda fazia "bico". Era empregado de uma fábrica de chupetas.

Um comandante dedicado: fazia das tropas coração.

Passou a estudar música depois que foi preso. Seu plano era comprar uma fuga.

Ganhou dinheiro fazendo literatura de cordel. Agora só faz literatura de Corcel.

A. Fernandes



TAPEÇARIA
BRASIL
ESPECIALIDADE
EM TAPEÇARIA DE
AUTOS E MOVEIS



rua dr. torres neves n: 224
FONE: 6.5977

COMPRE A PRAZO
E SEM JUROS NO



**REI DAS
ROUPAS
FEITAS**

barão
782-788

Paulista F. C. — 50 anos de glórias

Quem hoje se dirigir ao cemitério municipal da cidade ou passar pelas suas adjacências, naturalmente notará, no final da avenida Prof. Luiz Rosa, um novo e moderno bairro residencial formado pelos dois últimos quarteirões que terminam na praça Dom Luiz Gonzaga, em frente àquela necrópole. Foi nessa área de terreno, de 140 metros de comprimento por 70 metros de largura que o Paulista Futebol Clube tinha a sua praça de esportes. Nesse lugar, durante quase meio século, foi que o "Galo da Serra do Japi" escreveu para a história do futebol jundiaense — e, por que não dizer, do futebol paulista e brasileiro — destacadas páginas de perseverança, valor e glórias.

Foram muitos os homens que, nesse longo e exaustivo caminho pela difícil e áspera estrada do progresso, lutaram com digno e alevantado ideal, arrasando desilusões, desgostos e dificuldades sem conta,

para manter sempre alto, ímpoluto e acatado o nome do clube para o qual trabalhavam, empregando os mais sinceros e denodados esforços.

Não foi inútil o que fizeram. Hoje, o Paulista Futebol Clube é um símbolo de grandeza entre as entidades esportivas do interior paulista. É afamado e respeitado, prestigiado e conhecido, como sói acontecer com aqueles que, sabendo honrar o seu passado, acumulam no presente justo e expressivo acervo de virtudes.

Tinha, pois, o tricolor jundiaense de construir uma praça de esportes à altura de sua situação de clube de primeira categoria.

Aceitando a doação, que lhe fora feita pela Companhia Cabuçu, de grande área de terreno no Jardim Pacaembu, lá estava erguendo, lenta mas majestosamente, o seu novo estádio, que, sem dúvida, seria um dos mais bonitos

do Estado. O que já foi feito ali custou milhões de cruzeiros e muitos milhões mais terão ainda que ser gastos para a final conclusão da grandiosa obra.

Eis porque nos demos à tarefa de escrever a história do Paulista Futebol Clube, contando os seus grandes, inesquecíveis e imorredouros feitos. Que os esportistas desta cidade, os torcedores e amigos do clube das três cores que tanto orgulha Jundiá, colaborem conosco, adquirindo, tão logo seja editado, um exemplar deste livro, cuja renda total será destinada ao Paulista F.C. Oxalá tenhamos bom resultado nisto a que nos propusemos fazer pelo tricolor, que, durante mais de 60 anos, tantas vezes nos inflamou o coração de satisfação e orgulho, lá de seu pequenino campo na avenida Prof. Luiz Rosa, de saudosa e confortadora lembrança.

Aqueles que se dirigirem ao novo Estádio do Paulista, lá no Jardim Pa-

caembu, ao se defrontarem com a imponência da construção que se está erguendo, após lerem este livro, certamente volverão seus pensamentos para o passado e saberão admirar e compreender os homens que, há muitos anos, empreenderam essa épica arrancada, cujo fruto está agora sazonado.

Saibamos, pois, conservar, com carinho e vaidade, esse considerável patrimônio moral e material, para que a posteridade possa, para sempre, ver o Paulista Futebol Clube ocupando um lugar de destaque no cenário esportivo do Estado de São Paulo, para o qual, mercê de ingentes e inauditos sacrifícios, ele já tem incontestável direito.

Esta obra, dedicamo-la à memória dos saudosos amigos Miguel Basile, José Lamaneres de Oliveira e Fuard Gebran, com nosso preito de saudade. Roberto Basile nos cedeu, por empréstimo, um álbum de seu saudoso pai, o que nos proporcionou re-

larmos muitos fatos ocorridos com o Paulista Futebol Clube. Fuard Gebran, secretário geral do clube em 1952, colocou à disposição inúmeros alfarrábios e livros de atas. José Lamaneres de Oliveira também nos emprestou grande coleção de recortes de jornais, relativos ao tricolor, contribuindo, assim, substancialmente, para esta publicação.

Uma explicação necessária: — Quando nos referirmos às importâncias em dinheiro, o faremos em cruzeiro antigo até o ano de 1966 e a partir de então, em cruzeiro novo, com o atual valor monetário.

O certo mesmo seria relatarmos as importâncias em "mil réis" até a sua substituição pelo cruzeiro, o que, no entanto, decidimos não fazer para não causar maiores confusões, principalmente às novas gerações que sequer chegaram a conhecer tal dinheiro.

José E. S. Faggiano

Capítulo I

(de 1903 a 1908)

Lendo e estudando os documentos que nos chegaram às mãos; conversando com pessoas relacionadas com muitos dos fatos que vamos contar, estamos em condições de apresentar aos leitores os mais minuciosos acontecimentos ocorridos na vida do PAULISTA FUTEBOL CLUBE, o que, pelo interesse, curiosidade e forma pitoresca no seu desenrolar, constituem o assunto deste livro.

Infelizmente, por absoluta falta de informações, pouca coisa sabemos do "PAULISTA" até 1909, período esse que, permanece para nós, em lastimáveis trevas.

Em princípios de 1903, na pequena e sossegada Jundiá de então, com os seus 20 mil habitantes, um grupo de ferroviários da "Cia. Paulista de Estrada de Ferro" fundava lá no bairro que veio a se chamar Vila Rio Branco, o primeiro clube de

futebol desta cidade, com a denominação de "JUNDIAHY FOOT BALL CLUB".

Aos 24 de junho desse mesmo ano, o novel clube disputava o seu primeiro jogo, tendo como adversário a "ASSOCIAÇÃO ATHLETICA UNIÃO LAPA", da Capital, que, aqui, foi vencida.

Obedecia o quadro local, a seguinte organização: — João Normanthon, A. Kemworthly e Thomaz Scott — Guilherme Hanikel, D. Conrad e Pacheco — A. Roibeiro, Carlos Rojeck, J. Kemworthly, Frederico Fuller e João Leite — Reserva: Acácio Simões.

Nada mais conseguimos saber a respeito do "JUNDIAHY FOOT BALL CLUB", que existiu até fins de 1908.

OBS.: — Os nomes dos clubes e escalões dos respectivos quadros de futebol foram anotados com ortografia que se usava naquela época.

PMJ UGC - AH

No longínquo 17 de maio de 1909, quando já fazia cinco meses que o "Jundiahy Foot Ball Club" tinha interrompido suas atividades, um grupo de ferroviários da Companhia Paulista, ex-sócios daquele clube, reuniu-se na locomotiva n.º 34, que estava encostada no pátio de manobras, em frente às oficinas e bem próxima à parte onde se localizava a fundição. Então, nesse local, em histórica e memorável decisão, resolveram os homens que aí estavam reunidos dar continuidade aos jogos de futebol, reorganizando o clube. Sendo todos eles empregados da Companhia Paulista, acharam por bem modificar o nome de "Jundiahy Foot Ball Club" para "Paulista Foot Ball Club", em homenagem à empresa para a qual trabalhavam.

Capítulo II

(de 1909 a 1913)

Naquela época Jundiá já contava com outros dois grêmios esportivos: o "Gimnasio Hydecroft Foot Ball Club" e o "Santos Dumont Foot Ball Club", logo depois desaparecidos. Mas, com o evento do Paulista, o futebol em nossa terra tomou grande impulso, tornando-se conhecido em todo o Estado.

Sendo o tricolor de origem ferroviária por excelência, não foi de se admirar que a sua primeira diretoria fosse na totalidade constituída por empregados da estrada. Eis como foi organizada: presidente — João Jones; vice-presidente, João Siqueira; 1.º secretário, Carlos de Salles Block; 2.º secretário,

Saturnino Correa; 1.º tesoureiro, Joaquim Evaristo de Camargo; 2.º tesoureiro, Dino Siqueira; diretor-fiscal, Thomaz Scott; treinadores, Frederico Fuller e José Coimbra.

Os primeiros jogadores a defenderem o Paulista foram: Henrique West; Nicomedes Correa; os irmãos João, Dino e Tancredo Siqueira; Alberto Correa; Adão Gray; Luchesi Augusto Wihit e outros cujos nomes não conseguimos saber.

Até 1913 nada mais sabemos da vida do clube, estando, pois, em aberto, o oferecimento de contribuições no sentido de se esclarecerem outros detalhes. Resta acrescentar que nesse ano de 1913 o tricolor passou a ocupar definitivamente o campo da Vila Leme.

olivetti
AGENTE EXCLUSIVO EM
JUNDIAI



COMERCIAL PANIZZA Ltda.
r. barão de Jundiá 427 - fone 6.8251

* EUROPA 76 *

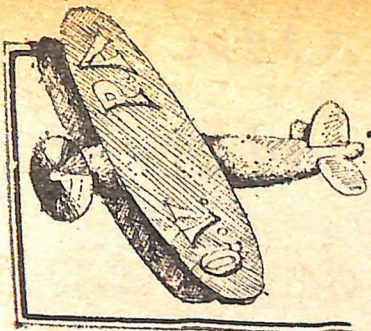


IDA E VOLTA À EUROPA POR
APENAS CR\$ 6.000,00.
PARTIDA EM 24 DE MARÇO EA
VOLTA EM 13 DE ABRIL.

INFORMAÇÕES SOBRE ESTA
MARAVILHOSA OPORTUNIDADE:
ABITE TURISMO

ROSÁRIO, 585 - TELS. 6.1530 * 4.3922.

NO PRÓXIMO
CAPÍTULO,
A ORIGEM E
O LUGAR
DA VILA LEME



O QUE VAI PELOS ARES

Qual é a graça?

Quando veio do interior de Minas para São Paulo, Auzélio custou a se familiarizar com o "palavreado" dos paulistas. Acostumado à vida no Triângulo Mineiro (eh, Bera-bão, só!), ingenuamente pensou que fosse encontrar por aqui gente falando como ele — "bom demais da conta", "quantas horas?" (em vez de "que horas são?"), e assim por diante. Mas o que mais o intrigava eram certas expressões usadas pelos paulistas que, ao menos para ele, eram novidades.

E foram essas expressões que o deixaram embaraçado, muitas vezes sem saber bem o que responder ao interlocutor.

Foi no trem que o trouxe a Jundiaí que ele começou a notar as diferenças entre o linguajar mineiro e o paulista (ele fez baldeação em Campinas, claro). Sentado ao lado de um ferroviário que tinha ido ao sindicato, em Campinas, Auzélio foi contando seus planos. Queria ser fotógrafo em Jundiaí. Aliás, já era fotógrafo em sua ter-

ra, mas lá não ganhava muito dinheiro. Seu defeito era a lentidão: às vezes, demorava mais de dois anos para entregar as fotos de um casamento. É claro que, quando o cliente era mineiro, calmo como ele, demorava outros dois anos para reclamar e no fim tudo acabava em tutu com carne de porco.

Havia exceções: preparava as fotos em tempo recorde se o cliente fosse alguém do mundo social — do chamado "jet-set", como preferem alguns, ou "topless", como dizia uma colunista aqui da terra. (Aqui em Jundiaí há um rapaz de nome parecido que andou fazendo a mesma coisa com um amigo nosso; até hoje não entregou as fotos). Bom, lá vinha o Auzélio contando sua vida ao colega de trem quando foi interrompido:

— Pois é, eu também vim para Jundiaí há muito tempo, seu... por favor, amigo, qual é mesmo a sua graça?
— Minha graça? Uai, sinceramente... sei não, só!

A. Fernandes

Macacos me mordam

Quem não viu Liv Ulmann em "40 Quilates" perdeu um mixto-quente delicioso. O filme se passa tanto na Grécia quanto em Nova York. Ela tanto tem uma filha quanto tem uma mãe e além de sustentar ambas ainda empresta algum, sempre que pode, ao Geny Kelly, seu ex-marido, no filme, ator desempregado. Mas, o caso é que Liv Ulmann ocupa a tela toda. Tem um caso sério com um menino de 22 anos (ei, turminha, não se desesperem) e acaba se casando com ele. A menina, filha dela, sempre que aparece, dá "show" porque interpreta a la americana, em contraste com os subjetivismos bergmanianos de Liv que às vezes andava com o Geny Kelly e perdia longe. Esquecia-se de ser sueca, rígida e fria. Passava para o tutti-frutti, caramelo e mashmalow de Hollywood. De repente, Geny Kelly dança, muito sem jeito, um destrutivo ie-ie-íé. Quem te viu em "Cantando na Chuva", velhinho... O mixto não esfria, tudo volta à grega, com o triunfo de Jocasta: Liv Ulmann é levada na garupa de uma Honda, Grécia afora, casada com Édipo mocinho, americaninho, bonitinho. Não percam.

EDUARDO

Porca miséria!



"A Noite", de Antonioni, e "Serafino", de Germi, foram os dois últimos "Cinema à Italiana" que a Globo apresentou (3.as-feiras, 22,50 horas).

Infelizmente, nenhuma chamada anterior foi feita, a não ser na programação daqueles dias mesmo.

Já quando se trata de uma novela panaca, com Cuocos e Brancos, a cada minuto lá está o "Vem aí...". (E.M.)

A viúva virgem

Esta semana está sendo comemorado o 25.º aniversário da instalação da televisão no Brasil. A primeira emissora foi o então Canal 3, TV Tupi, do grupo das Emissoras Associadas.

Frei José de Guadalupe (o ex-ator José Mojica) foi o convidado especial do programa inaugural, assistido por milhares de televisinhos (nome dado às pessoas que viam Tv na casa do vizinho).

Hoje, vendo a maioria dos programas de Tv a gente pensa "Puxa vida, parece que foi ontem!". Pela qualidade, não sei se estou sendo claro. (E. M.)

Ler & Pensar

"Opinião" n.º 149 (12 de setembro) traz duas matérias, entre outras, dignas de se ler e pensar sobre: "A Cultura Viciada", analisando o projeto Política Nacional Integrada da Cultura, que o MEC está para lançar, e as entrevistas de três músicos brasileiros recém-chegados dos Estados Unidos e de Roma: Egberto Gismonti, compositor e arranjador, Roberto Silva, Robertinho, ex-Som Imaginário, percussionista, e Geraldinho Carneiro, letrista e compositor. Assuntos muito sérios, bichos. (E. M.)

Ler & Ouvir

"O Pasquim" da semana passada (12/9) entrevistou Jards Macalé, o lúcido compositor, arranjador e ator que, desde "Gothan City" foi rotulado de "maldito".

Leia e conclua, você mesmo. Enquanto faz isso, ponha na vitrola "Aprendendo a Nadar", o Lp de Macalé que você tem obrigação de ter na sua estante.

(E. M.)



HORÓSCOPO

ARIES (21-3 a 20-4)

Temperança deve ser a tua virtude, nesta semana. Recomendamos: cebolinha, salsa, nosmoscada, alho e sal. Tudo ao mês passado, isto é, a gosto.

TOURO (21-4 a 20-5)

Período desfavorável para a compra de imóveis, viagens ao Exterior, jogos de azar, festas. Também, com esse teu salário...

GÊMEOS (21-5 a 20-6)

O Sol entra em conjunção com Mercúrio e Vênus está na quarta casa do Zodíaco. Isto significa que teu número de sorte é 12. Portanto, desista da Loteca e use esse dinheirinho para coisa melhor.

CANCER (21-6 a 21-7)

O período favorece aventuras amorosas, encontro

com pessoas famosas na Côte d'Azur, proposta de casamento com armador grego. Se o teu orçamento não permitir que viaje, assista o programa "Silvio Santos". E sorria.

LEÃO (22-7 a 22-8)

A temperança deve ser a tua virtude, nesta semana. O que significa que você é de Áries. Ou um lobo em pele de cordeiro. Ou leão, sei lá. Puxa, como você é confuso, ó meu!

VIRGEM (23-8 a 22-9)

Aproveite os preços do feijão, do arroz, da batata, do macarrão, do café, da manteiga e faça um jejum, uma abstinência, uma continência, coisas do gênero.

BALANÇA (23-9 a 22-10)

Júpiter na terceira casa é saúde. Mercúrio em conjunção com Plutão é di-

neiro. Vênus ascendente é oportunidade de bons negócios. Esta semana não tem nada disso no teu horóscopo.

ESCORPIÃO (23-10 a 21-11)

Horóscopo depende de Hemisfério, você sabe. No lá de cima, Scorpius é uma ilha linda, ensolarada, Jackie de monoquini. No de baixo, é um bichinho nojento, que todo mundo quer matar. O que eu posso fazer?

SAGITÁRIO (22-11 a 21-12)

Seja forte, enfrente a adversidade, tenha força de vontade. Como? Francamente, eu não sei. Tente Omar Cardoso.

CAPRICÓRNIO (22-12 a 20-1)

Na quarta-feira você sentirá impetos de cantar, uma vontade enorme de falar diálogos de Shakespeare. Mas continue prestando atenção ao tear, ou um fuso de pega.

AQUÁRIO (21-1 a 19-2)

Evite os maus fluidos. Use aquele isqueirinho a gás, você sabe qual é, não? Aliás, aproveita e acende o meu cigarro, por favor. Ou me dá uma tragadinha do teu. Paz e amor aquariano(a)!

PEIXES (20-2 a 19-3)

As pessoas do teu signo já cumpriram todo o Zodíaco. Portanto, não voltarão mais. Prepara a tua harpinha, meu anjo.

PROF.ª ZULEIKA

PENSÃO ANAHI
refeições
avulsas
R. dr. TORRES NEVES • 359 ..

O que será?
Zuleika
Prof.ª Zuleika

PUFS!

Allan Kardec tornou-se famoso por sua presença de espírito.

Lutero foi o primeiro pastor alemão.

Nero vivia de fogo, em Roma.

Kafka é um prato judeu à base de baratas-gigantescas.

Terpsicore é uma espécie de mal súbito que ataca as bailarinas.

Napoleão era maluco por conhaque.

Mascate é um chiclete italiano muito consumido no interior.

Utilizando malte, cevada e lúpulo, Brahm's compôs o primeiro copo de cerveja.

Rasputin é um instrumento russo usado para a depilação de mulheres de vida suspeita.

Catapult, em árabe, é uma palavra de baixíssimo calão.

Nas escolas suíças, meninos indisciplinados, maiores de 13 anos, ficam de castigo no cantão.

Thomas More, em inglês, significa "Bebes demais".

Pepino, o Breve, foi devorado por canibais durante uma salada russa.

Champolion tinha uma letra ilegível.

D. Pedro II sempre achou que seu pai parecia mais novo que ele.

Comensal é uma comida típica da região de Salinas (USA).

Trigêmeos do sexo masculino, na Espanha, são chamados "tremoços".

Karl foi o mais famoso dos Irmãos Marx.

Cabidela é um tipo de guarda-roupas muito usado no interior da Bahia.

Circuncisão é aquela parte raspada da cabeça dos padres.

Matusalém, já aos três meses de idade, era chamado de velho.

Zarteu

O Deve e o Haver de domingo



Domingo é dia de acordar tarde, de recusar convites, de não fazer nada, de ficar só, com todo mundo.

Almoçar fora ou comer melhor em casa. De beber um pouco e sentir preguiça. De ler classificados, de deixar a televisão alta no Sílvio Santos, sem prestar atenção ao nada. Ver comerciais de detergentes, aprender marcas de cigarros dos homens realizados.

Lembrar o passado, sem sentir o presente, e não se desgastar com isso. Não fazer hoje, e esperar para amanhã.

Perder oportunidade de passar horas agradáveis com conhecidos chatos, que ficam a monologar coletivamente boçalidades de si próprios e a nos oferecer refresco de maracujá e pêssego em calda. Ainda mais que não gostamos de bala de alcaçuz.

De receber visita de cerimônia de parentes, que nos admiram, pois, educados, concordamos com o que pensam. Desejar que vão embora logo para podermos iniciar o que nem pensávamos fazer.

Sentir-se alheio da algazarra dos filhos e sobressaltar-se pelo súbito silêncio e voltar à calma pelo romper de um choro.

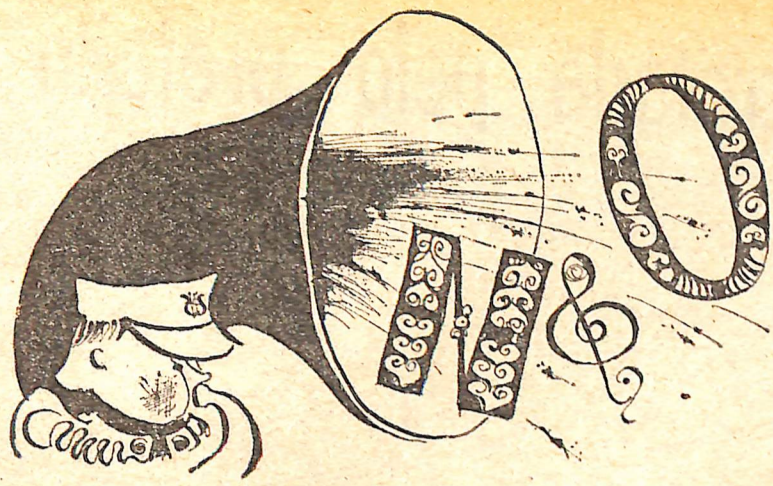
No fim da tarde, sentir angústia de perder o dia, por a família dentro de um carro quente, passar em frente aos lugares de sempre e ficar bravo com a briga dos do banco traseiro. Procurar um parque de diversões apenas poético, altofalante a chorar boleros, carrosséis a girar dolentes, nada de sustos e de por coração ou estômago pela boca. Ao voltar para casa, o lanche rápido, mandar as crianças dormir mais cedo, tomar um banho e se arrumar para ver vitrinas, fazer hora para perder a hora, dormir tarde e acordar com sono.

Ficar contente de ser só domingo e não ter dentista, pois, para esses aproveitamos as férias.

Wolf Herbert Nossack

GIL



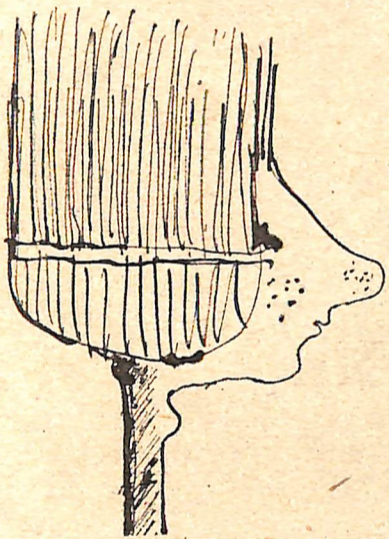


DEFENDENDO O NOSSO

Os ministros Shigeaki Ueki e Mário Simonsen desmentiram e depois calaram-se. Mas, segundo os entendidos, continua em marcha a campanha das empresas estrangeiras em favor dos "Contratos de Risco", um passo perigoso em direção à quebra do monopólio estatal do petróleo.

Os mentores da campanha encontraram, todavia, um obstáculo meio difícil pela frente: as Forças Armadas, que não estão achando nada interessante a intromissão estrangeira. (E.M.)

SERVENTES EXTRAS NO INDUSTRIAL



Em face das dificuldades que enfrenta para contar com um número maior de serventes, o Ginásio Industrial vem contando com a colaboração "voluntária" de parte dos seus 1.200 alunos para manter limpas as salas de aulas em todos os períodos. Isto não está agradando muito aos novos faxineiros, que já começaram a se implicar, inclusive, com o toque da campainha — dizem que mais parece uma sirene chamando para o trabalho — para entrarem em classe. Até que a escola tenha mais funcionários, o jeito é ir varrendo, dando jeito nas carteiras, pondo as coisas em ordem, pois assim é que se comporta o bom aluno. (C.F.P.)

FUTURO DO SUBJETIVO

Esperem mais uns dez ou doze anos, se tanto, e vocês verão se a Avenida

9 de Julho é ou não é uma prioridade. (E. M.)

HITLER, BARBA E CABELO

Esta foi contada pelo senador maranhense José Sarney. Diz ele que, quando Hitler perdeu a guerra, um jornal de Arapiraca saiu com um editorial dizendo o seguinte, entre outras cacetadas: "Se o sr. Adolf Hitler ti-

vesse ouvido as inúmeras advertências que por reiteradas vezes lhe fizemos através das páginas deste hebdomadário, não teria tido o dissabor desta fragorosa derrota, nem levado o mundo a uma guerra fratricida". (Chico Dias).

PATRÃO SEM JUSTA CAUSA

A empresa que despedir um funcionário sem justa causa não poderá, em hipótese alguma, contratar outro empregado para a mesma função por salário inferior ao que era percebido por aquele que foi mandado embora. Decisão nesse sentido foi proferida pelo Tribunal Superior do Trabalho, estando já em vigor para a classe dos trabalhadores químico-farmacêuticos de Jundiá, Vinhedo, Suzano e Guarulhos.

Com essa decisão do TST, o chamado salário-substituição, introduzido nos pedidos de reajustamento salarial pelo advogado Almir Pazzia-

noto Pinto, vem incorporar-se ao rol de cláusulas dos dissídios coletivos dos trabalhadores nas indústrias químicas e farmacêuticas desta região, constituindo-se num obstáculo à velha prática empresarial de demitir empregados beneficiados com reajuste salarial para contratar outros por salário inferior ao que seria percebido por aqueles. (C.F.P.)

CLUBE QUE NÃO TE QUERO SÓ DE CAMPO

O Clube Jundiense anunciando o seu baile anual de debutantes. Existe um zuzum pelai que desta vez vai ser a todo vapor. Tem quem diga que o casal Simonsen (que está em todas) será o apresentador oficial das debs. Conjunto musical de primeira tocará a valsa das meninas. Muito bem, clube, é assim mesmo que se faz; baile de debutante é pra ser bem badalado. Agora, o que se espera mesmo é que o Jundiense volte às suas atividades cotidianas a todo vapor também. Vamos levar os motoqueiros pra dentro do Clube? (Picoco)

O PIOR PREFEITO

Os motoristas de praça geralmente sabem das coisas. Dia destes, um deles, comentando a situação de Jundiá, sacou bem:

"Está-se falando muito, mas o pior prefeito não é este que está aí. Será o próximo!"

"?..."

"O coitado vai ficar com todos os problemas para resolver, mas não vai ter dinheiro, pois terá que pagar todas as dívidas que este vai deixar!"

FICAMOS CONTENTES

A partir da próxima semana, os leitores deste semanário serão brindados com a presença do colunista Antônio Contente, redator do *Jornal da Tarde*, que escreve crônicas semanais do mais alto gabarito para sete jornais. Entre eles, o *Domingão*, de Ribeirão Preto; *Jornal do Parque*, *Última Hora* e revista *Love Story* (da Editora Abril), de São Paulo; *O Liberal*, de Belém do Pará; *O Imparcial*, de Fortaleza; e *O Maranhense*, de Marabá, Pará. Enfim, Contente é um colunista que estourou no Norte. Dependendo de seus compromissos, ele estará em Jundiá na próxima semana, para o lançamento oficial de sua coluna, acompanhado de seu assessor, Pessoa de Carvalho, e de seu guia espiritual, Percival de Souza. Não, amigos, gabarito não tem nada a ver com cantor mexicano. (A.F.)

GRANDI... ZOLI!

Além de propiciar a centenas de municípios o asfaltamento de suas ruas por apenas Cr\$ 40,00 o metro quadrado (menos da metade do que vem sendo cobrado em Jundiá), o prefeito Alcebíades Grandizoli ampliou a rede de água de Campo Limpo Paulista em mais de 20.000 metros lineares e a de esgotos em mais de 9.500 metros. Eta prefeito bão! (C. F. P.)

UM PONTO DE ENCONTRO. TE SERVE?

Zeteserve — Zê, de Zé Pedro; Ti, de Tioca; Ser, de Sérgio; e Ve, de Vera — está com inauguração marcada para o fim do mês, já sendo garantido o seu funcionamento a partir de outubro. Sabe, bicho, o local vai servir como ponto de encontro. O que é Zeteserve? "Depois eu conto". (Picoco)

OS DEZ MANDAMENTOS DO JUNDIAIENSE

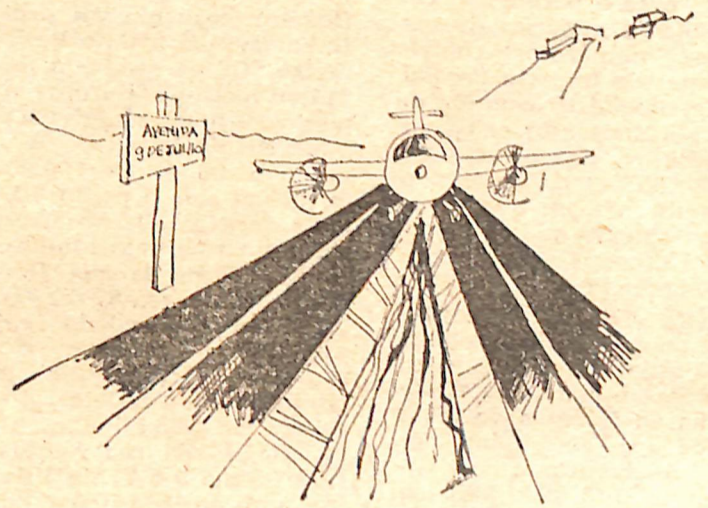
- 1) Pagar para nascer,
- 2) Pagar a água,
- 3) Pagar a luz,
- 4) Pagar o esgoto,
- 5) Pagar o imposto predial,
- 6) Pagar o imposto territorial,
- 7) Pagar a coleta de lixo,
- 8) Pagar o I.N.P.S.,
- 9) Pagar o asfalto,
- 10) Pagar para morrer...

(Piriquito)

O ASSUNTO É MARIAZINHA

Dia 3 de outubro nós vamos todos ao Grêmio para o lançamento de novo livro de crônicas de Mariazinha Congilio. Que convite, que nada! Não tem desses negócios com ela não. Você vai ver como Mariazinha é legal pessoalmente também. Combinado? Então, até lá. (Picoco)

AVÓA, GAVIÃO!



Os que vão pelos ares, ou os que irão pelos ares, ou ainda, tudo irá pelos ares, ou, o que está acontecendo por aqui? Deu bobeira geral? Um avião burocrático? Indico ao sr. chefe do Executivo a necessidade de S. Exa. determinar estudos no sentido de ser adquirido pela Prefeitura Municipal um avião bimotor etc. etc." assinado José Silvio Bonassi, vereador. Já não chegam as

"coisas" que estão acontecendo cá embaixo, agora, não satisfeitos, vão levantar voo também? Será que vai ser criada a varig municipal? Vale lembrar Maria Antonieta, da Corte de França, na época dos Luizes, antes da Revolução, que surpresa ante o fato de o povo não ter pão para comer argumentou: "Não comem pão? Meu Deus, dêem-lhes pandêlo! Sobra na Corte". EDUARDO

A TRAGÉDIA DO ROMEU

Quarta-feira última, quando demonstrava, da tribuna da Câmara, o absurdo do preço cobrado em Jundiá para o asfaltamento da Vila Liberdade, o vereador Romeu Zanini foi destituído da vice-liderança de sua bancada (Arena), numa decisão apoiada somente pelos vereadores alinhados à política do chefe do Executivo, que fizeram ascender a tal posto o vereador Henrique Victório Franco, ex-ocupante da presidência da Mesa.

Romeu tecia considerações a respeito dos preços cobrados aqui e em Campo Limpo Paulista para o asfaltamento de vias públicas na zona urbana (Cr\$ 40,00 o metro quadrado, com 25.379,06 m2. de ruas pavimentadas de janeiro a agosto de 1975; aqui, Cr\$ 90,00 o metro de "asfalto quente", de espessura bastante inferior à daquele aplicado no município vizinho), quando o líder de sua bancada, vereador Elio Zillo, procurou apartea-lo. A negativa desse aparte, fundada no fato de Zillo ter dispensado o uso da palavra (para o que estivera inscrito) minutos antes, levou o líder a solicitar "pela

ordem" à presidência da Mesa, encaminhando, ato contínuo, a comunicação subscrita por ele e outros seis arenistas, segundo a qual, a partir daquele instante, Henrique Franco seria o novo vice-líder da bancada.

A intempestiva atitude do líder arenista não abalou o ânimo de Zanini, que, retomando a palavra, apenas se dirigiu à Mesa para se informar sobre o tempo que restava para a sua explanação. De contado o tempo que ficou com a palavra interrompida, Romeu pensava possuir ainda dois minutos para completar os cinco que lhe foram dados para sua "explicação pessoal". O presidente, entretanto, informou que lhe restavam somente 40 segundos. Interpelando, então, o secretário da Mesa para a confirmação do tempo, deste Romeu ouviu a seguinte sentença: "Vossa Excelência já esgotou o tempo".

Lamentando já não poder "falar a verdade" dentro da Câmara, Romeu deixou a tribuna indignado. O que ensinou este gracejo de outro vereador: "Meus pesames, caro colega!" (C.F.P.)

WALITA

ASSISTÊNCIA TÉCNICA AUTORIZADA

conserto e vendas de peças genuínas



rua dr torres neves nº 131

fone: 4-0384

JUNDIAI S.P.

A grande redução de impostas decretada pelo prefeito

Sem que fosse preciso mandados de segurança, contribuintes obtiveram reduções de 60, 80 e até 90% sobre os seus impostos.

Em decorrência da desclassificação de suas propriedades, antes incluídas nos perímetros "A", "B" e "C", para o perímetro "G" da planta genérica de valores, numerosos contribuintes do Imposto Predial e Territorial Urbano foram beneficiados este ano com descontos da ordem de 60%, 80% e 90% sobre o quanto teriam que recolher segundo os lançamentos efetuados no começo do exercício.

Essa redução de impostos, privilégio dos proprietários de terrenos e casas situadas numa faixa ribeirinha ao Córrego do Mato (vide localização no mapa), foi instituída pelo decreto n.º 3.294, baixado pelo prefeito no dia 20 de maio último, vazado nos seguintes termos:

"DECRETO N.º 3.294, DE 20 DE MAIO DE 1975"

IBIS PEREIRA MAURO DA CRUZ, prefeito do Município de Jundiá, Estado de São Paulo, no uso de suas atribuições legais, DECRETA

Artigo 1.º — Fica excluída dos perímetros A, B e C, passando a integrar o perímetro G da Planta Genérica de Valores, a área abaixo descrita:

"Este perímetro tem início no ponto 1, localizado na esquina da rua Vital Brasil com avenida Jundiá, daí segue pelo alinhamento da avenida Jundiá, sentido bairro-cidade, numa distância de 136,00 m, até encontrar o ponto 2, onde deflete à direita e segue em reta pela linha divisória com o Perímetro "B", numa distância de 92,00 m, até alcançar o ponto 3, daí segue pelo alinhamento oficial da rua Abílio Figueiredo no lado par, numa distância de 17,00 m, para atingir o ponto 4, neste ponto deflete à esquerda e segue pelo alinhamento da rua Bela Vista no lado par, na distância de 190,00 m, até encontrar o ponto 5, onde deflete à direita e acompanha a linha divisória do prédio n.º 174 da rua Bela Vista na distância de 55,00 m, para alcançar o ponto 6, daí deflete à esquerda e acompanha a linha divisória com o Perímetro "C" em uma distância de 20,00 m, até atingir o ponto 7, deste ponto segue ainda por uma linha divisória com o Perímetro "C" em uma distância de 32,00 m, até encontrar o ponto 8, daí acompanha o alinhamento do final da rua Manuel Pereira de Arruda pelo lado ímpar da referida rua, por uma distância de 10,00 m, até alcançar o ponto 9, daí segue pelo alinhamento oficial da rua Manuel Pereira de Arruda numa distância de 554,00 m, até encontrar o ponto 10, aí com uma pequena deflexão à direita segue pela linha divisória com o Perímetro "C" e confrontando com proprie-

dade da Vigorelli do Brasil S. A., numa distância de 103,00 metros, até atingir o ponto 11, deste ponto com uma pequena deflexão à esquerda vai pela linha divisória com o Perímetro "C" na distância de 217,00 metros até cruzar o ponto 12 junto à divisa da Vigorelli do Brasil S. A., numa distância de 130,00 m, até atingir o ponto 13, onde deflete à direita e segue em reta pelo alinhamento oficial da rua Peruíbe (antiga rua 8) da Vila Pirapora pelo lado ímpar numa distância de 37,00 m, até encontrar o ponto 14, onde deflete à direita e vai pelo alinhamento oficial da rua Santos (antiga rua 5 e 7) da Vila Pirapora no lado ímpar da referida via numa distância de 104,00 m, até encontrar o ponto 15, localizado na divisa do prédio n.º 253, donde deflete à direita e segue pela linha divisória com o perímetro "G", na distância de 70,00 m, até encontrar o ponto 16, situado na divisa da Faixa de Transmissão, daí deflete à direita e ainda pela cerca da Faixa de Transmissão numa distância de 56,00 m, até encontrar o ponto 17, onde deflete à direita e acompanha o leito do Córrego do Mato por um trajeto sinuoso a jusante numa distância de 145,00 m, até atingir o ponto 18, onde deflete à esquerda e segue por uma linha de divisa do Perímetro "G" por uma distância de 82,00 m, até encontrar o ponto 19, localizado na confluência da avenida Francisco Pereira de Castro e Avenida Carlos de Salles Bloch, daí vai pelo alinhamento oficial da avenida Francisco Pereira de Castro no lado par da citada via em uma distância de 599,00 m, até chegar no ponto 20, onde deflete à direita e segue pelo alinhamento da rua

João de Camargo Pupo pelo lado ímpar na distância de 91,00 m, até encontrar o ponto 21, aí deflete à esquerda e segue em reta pelo alinhamento oficial da rua Pedro Alexandrino no lado par da mencionada via pública numa distância de 215,00 m, até encontrar o ponto 22, onde deflete à esquerda e segue o alinhamento da rua Abílio Figueiredo junto à divisa do prédio n.º 10 da rua Pedro Alexandrino pelo lado ímpar da primeira via acima mencionada numa distância de 16,00 m, até chegar no ponto 23, defletindo novamente à direita pelo alinhamento oficial da rua Vital Brasil pelo lado par desta rua em uma distância de 120,00 m, até encontrar o ponto inicial desta descrição."

Artigo 2.º — Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

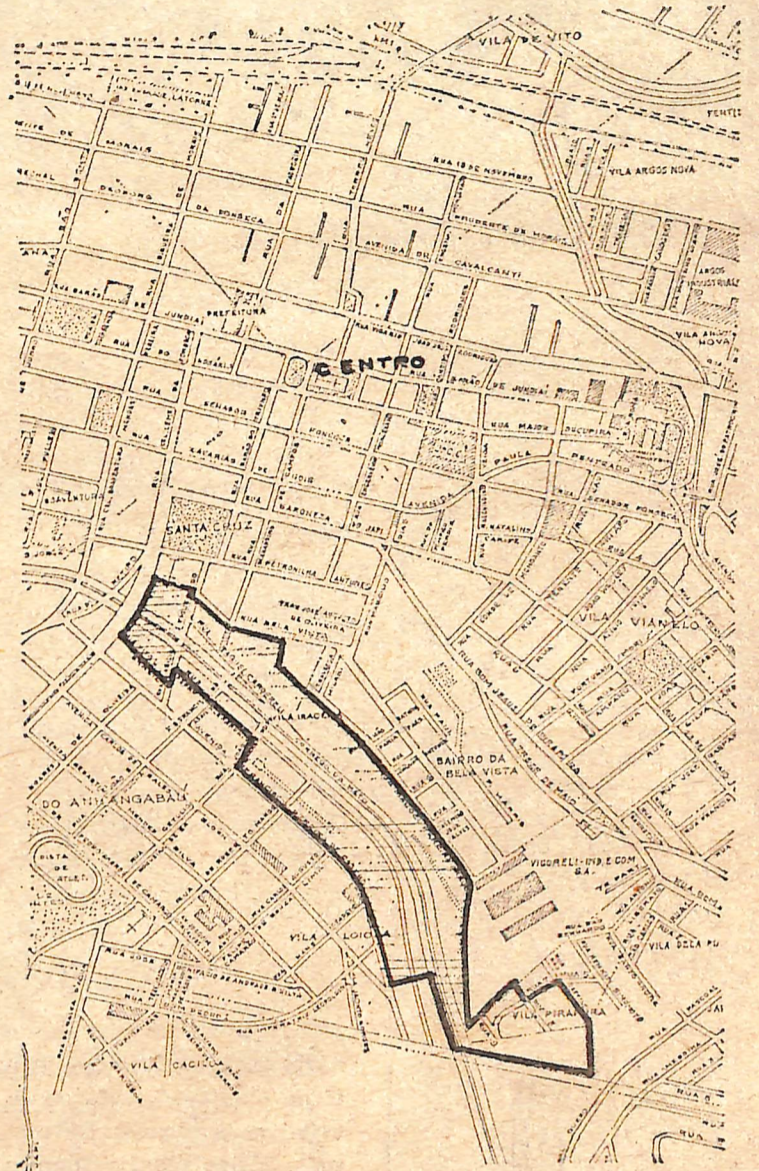
IBIS PEREIRA MAURO DA CRUZ

Prefeito Municipal.

Publicado e Registrado na SECRETARIA DE NEGÓCIOS INTERNOS E JURÍDICOS da Prefeitura do Município de Jundiá, aos vinte dias do mês de maio de mil novecentos e setenta e cinco.

ARNALDO CARRARO

Secretário de Negócios Internos e Jurídicos.



No mapa, a área com o imposto reduzido

Que liquidação foi essa?

A tônica do Decreto 3.294, como se viu, foi propiciar uma substancial redução dos impostos que haviam sido lançados para o grupo de propriedades situadas na área que ele descreve e que consta do mapa aqui publicado. Há, porém, que serem feitas outras considerações a respeito de tal medida, eis que, se o foi durante mais de três meses, não pode continuar sendo passivamente aceita por uma população de mais de 50 mil contribuintes do erário municipal.

Em primeiro lugar, há que se analisar em que bases ocorreram as reduções, já que não nos foi possível levantar os nomes dos beneficiados para saber se estão satisfeitos ou não. (Ainda esperamos poder ouvi-los).

Veja-se, então, que as propriedades antes incluídas no perímetro "A" tinham seu valor venal calculado à base de Cr\$ 184,80 (cento e oitenta e quatro cruzeiros e oitenta centavos) o metro quadrado, representando isso, para uma área de 1.000 m² o valor de Cr\$ 184.800,00. Com a desclassificação dessa área para o perímetro "G", seu valor venal, à razão de Cr\$ 14,78 (quatorze cruzeiros e setenta e oito centavos), que é o fixado na planta de valores para esse setor, caiu para Cr\$ 14.780,00.

Com relação ao imposto a ser pago pelo proprietário, na hipótese de um imóvel com a área acima, ao invés de aproximadamente Cr\$ 3.700,00 (três mil e setecentos cruzeiros) caiu para cerca de Cr\$ 300,00 (trezentos cruzeiros). O proprietário ganhou da Prefeitura um desconto da ordem de 90% (noventa por cento) sobre o valor do imposto lançado.

No caso de uma área do mesmo tamanho, que se achava incluída no perímetro "B", o valor venal anterior era de Cr\$ 123.200,00 (cento e vinte e três mil e duzentos cruzeiros) e o respectivo imposto territorial lançado da ordem de Cr\$ 246,00 (duzentos e quarenta e seis cruzeiros). Com a desclassificação o valor venal passou a ser idêntico ao mencionado no primeiro exemplo, idem o respectivo imposto, agora reduzido em cerca de 80% (oitenta por cento).

Por último a área retirada do perímetro "C", na forma da planta de valores editada em 1974, teria seu valor venal fixado

em Cr\$ 49.200,00 (quarenta e nove mil e duzentos cruzeiros), caindo para as mesmas condições das anteriores após a edição do Decreto 3.294.

Há quem diga que o chefe do Executivo tenha se utilizado desse decreto como uma manobra para rebaixar os valores de certas propriedades que lhe interessava desapropriar para a abertura de sua avenida. Se isto for verdade, não deixa de ser um ato bastante imoral da atual administração, pois não há como se conceber que um contribuinte que vinha pagando seus impostos sobre um determinado valor dado pela própria Prefeitura à sua propriedade possa ser vítima de uma desvalorização arbitrária desse imóvel para receber uma indenização menor que aquela a que teria direito assegurado no caso de uma expropriação.

Outro fato que não se pode deixar de relacionar nestas considerações é que, ainda na hipótese aventada acima, restaram numerosos contribuintes beneficiados pela redução, o que não deixa de ser um privilégio e, como tal, inconcebível em nosso País onde o texto constitucional inicia com a declaração "Todos são iguais perante a lei".

Vale lembrar, nesta altura, que a redução dos impostos era o que queria toda a população jundiense assolada no ano passado com a brutal majoração de 3.000% sobre o que pagava até o ano anterior. Dezenas de abaixo-assinados foram feitos, colhidas milhares de assinaturas, enviados memoriais ao prefeito, governador e presidente da República, à Câmara Municipal, Assembleia Legislativa, Câmara Federal e Senado... e nada se conseguiu. Foram ajuizados mais de 30 mandados de segurança contra o aumento, mais de 400 contribuintes contrataram advogados para essa causa, os cinco juizes desta Comarca deram-na como ganha... e todos perderam no Tribunal, em São Paulo.

Agora, passado tanto tempo da grita geral, como num passe de mágica, um grupo pequeno de contribuintes recebe do prefeito, de presente, sem mandados de segurança, sem luta alguma, descontos de 60%, 80% e 90% sobre os seus impostos. Como se poderia dizer, nunca o Executivo conseguiu agradar tão poucos...
(Celso F. de Paula)

JORNAL DE 2

VOCÊ VAI SABER DAS COISAS

TODAS AS 2^{as} FEIRAS NAS BANCAS